

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS  
HUMANAS  
CURSO DE HISTÓRIA

Lieli Coelho Kolling

ABRIGOS SUBTERRÂNEOS E VESTÍGIOS DA  
HISTÓRIA ANTIGA EM NOVO BARREIRO/RS

Passo Fundo

2020

Lieli Coelho Kolling

## ABRIGOS SUBTERRÂNEOS E VESTÍGIOS DA HISTÓRIA ANTIGA EM NOVO BARREIRO/RS

Monografia apresentada ao curso de Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História, sob a orientação da professora Dra. Jacqueline Ahlert.

Passo Fundo

2020

Lieli Coelho Kolling

**Abrigos subterrâneos e vestígios da História Antiga em Novo Barreiro/RS**

Monografia apresentada ao curso de História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História, sob a orientação da Dra. Jacqueline Ahlert.

Aprovada em 11 de Agosto de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jacqueline Ahlert – UPF.

---

Prof. Dr. Fabricio José Nazzari Vicoski – UPF.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de registrar minha gratidão e consideração por todos aqueles que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa. Meus agradecimentos a prof. Dra. Jacqueline Ahlert, à qual tenho imensa admiração, pela oportunidade de contar com a sua orientação. Agradeço especialmente aos meus pais, que sempre incentivaram e proporcionaram o desenvolvimento de minha trajetória acadêmica. Agradeço as minhas irmãs, Keity e Kamily pela compreensão e carinho. Expresso ainda minha gratidão ao Yuri pela parceria e ao professor João Klein e a Claudia pela colaboração e disposição.

## RESUMO

Pesquisas arqueológicas e paleontológicas têm contemplado a incidência de vestígios da História Antiga e paleotocas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. No interior a ocorrência desses fenômenos bem como remanescentes de ocupação ainda necessita de pesquisas mais sistemáticas. É nesse sentido que se insere os esforços desse trabalho. Mostra-se igualmente relevante, pois propõe possibilitar a comunidade barreirense o conhecimento do patrimônio arqueológico, histórico, cultural e ambiental do município, assim contribuindo para valorização do espaço, para a preservação e para compreensão dos processos de ocupação territorial e fenômenos históricos ali ocorridos. Além disso, procura somar o elemento indígena às narrativas de história e identidade do município. As fontes de pesquisa utilizadas foram os artefatos líticos e as paleotocas. Os artefatos fazem parte de acervos pessoais de moradores do município. Foram realizadas visitas aos locais dos achados, análise e medição dos vestígios, como também plotagem, prospecção de superfície e visitas in loco às paleotocas. A partir do tratamento analítico e interpretativo das fontes é possível atribuir o início do povoamento no município de Novo Barreiro aos grupos de caçadores-coletores que se instalaram nesta região, aproximadamente, no início do período holocênico, mas considerando que anteriormente o território foi ocupado por mamíferos gigantes durante o período da megafauna.

**Palavras-chave:** História Antiga, Vestígios Arqueológicos, Vestígios Paleontológicos, Ocupação, Patrimônio.

## ABSTRACT

Archaeological and paleontological researches have contemplated the incidence of vestiges of Ancient History and paleotocas in the South and Southeast regions of Brazil. In the interior, the occurrence of these phenomena as well as remnants of occupation still needs more systematic research. It is in this sense that the efforts of this work are inserted. It is also relevant, since it proposes to enable the Barreirense community to know the archaeological, historical, cultural and environmental heritage of the municipality, thus contributing to the valuation of space, to the preservation and understanding of the processes of territorial occupation and historical phenomena that occurred there. In addition, it seeks to add the indigenous element to the narratives of the municipality's history and identity. The research sources used were the lithic artifacts and the paleotocas. The artifacts are part of the personal collections of residents of the municipality. Visits to the finding sites, analysis and measurement of the traces were carried out, as well as plotting, surface prospecting and on-site visits to the paleotocas. From the analytical and interpretative treatment of the sources, it is possible to attribute the beginning of the settlement in the municipality of Novo Barreiro to groups of hunter-gatherers who settled in this region, approximately, at the beginning of the Holocene period, but considering that the territory was previously occupied by giant mammals during the megafauna period.

**Keywords:** Ancient History, Archaeological Traces, Paleontological Traces, Occupation, Heritage.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1</b> - Animais da megafauna extintos no período de transição entre o pleistoceno e holoceno .....  | 15 |
| <b>Figura 2</b> - Mapa das áreas arqueológicas do Sul do Brasil datadas entre 4.000 anos a. C e 500 anos d. C: tradição Umbu, Humaitá e Sambaquis. .... | 19 |
| <b>Figura 3</b> - Sítios arqueológicos datados no Rio Grande do Sul.....  | 22 |
| <b>Figura 4</b> - Divisão do estado do Rio Grande do Sul- 1874. Criação do município de Santo Antônio da Palmeira .....                                 | 23 |
| <b>Figura 5</b> - Área inicial de Palmeira das Missões .....  | 24 |
| <b>Figura 6</b> - Emancipações que ocorreram no território de Palmeira das Missões até 2001.....  | 25 |
| <b>Figura 7</b> - Mapa de Novo Barreiro .....   | 26 |
| <b>Figura 8</b> - Fotografia da casa de Elza Caeram Kolling e João Homero Kolling na década de 1970 .....   | 28 |
| <b>Figura 9</b> - Convite para reunião sobre o Processo de Emancipação.....   | 30 |
| <b>Figura 10</b> - Propagando para emancipação .....  | 30 |
| <b>Figura 11</b> - Fotografia de João da Macena .....   | 32 |
| <b>Figura 12</b> - Tamanhos das tocas e seus possíveis escavadores .....  | 35 |
| <b>Figura 13</b> - Concentração de túneis escavados supostamente por mamíferos primitivos no Sul e Sudeste do Brasil .....                              | 37 |
| <b>Figura 14</b> - Localização da Paleotoca do Três Mártires .....  | 38 |
| <b>Figura 15</b> - Entorno da Paleotoca .....   | 39 |
| <b>Figura 16</b> - Fotografias da entrada da paleotoca .....  | 40 |
| <b>Figura 17</b> - Fotografias do interior da paleotoca .....   | 41 |
| <b>Figura 18</b> - Passagem estreita que nos leva a galeria maior .....   | 42 |
| <b>Figura 19</b> - Galeria maior da paleotoca .....   | 43 |
| <b>Figura 20</b> - Fotografia do final da paleotoca .....   | 43 |
| <b>Figura 21</b> - Fotografia das marcas de garras no interior da paleotoca.....  | 44 |
| <b>Figura 22</b> - Localização da paleotoca da localidade Poço Preto .....  | 45 |
| <b>Figura 23</b> - Características geográficas do entorno da paleotoca da localidade Poço Preto ....  | 46 |
| <b>Figura 24</b> - Fotografias da paleotoca do Poço Preto .....   | 47 |
| <b>Figura 25</b> - Fotografia das supostas marcas de garras no interior da paleotoca .....  | 48 |
| <b>Figura 26</b> - Localização dos artefatos líticos da Vila Preste .....   | 51 |

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 27-</b> Ponta de projétil.....  | 51 |
| <b>Figura 28-</b> Ponta de projétil.....  | 52 |
| <b>Figura 29-</b> Principais etapas do processo de confecção de um artefato lítico lascado .....          | 53 |
| <b>Figura 30-</b> Localização dos artefatos líticos da Linha Olária.....                                  | 53 |
| <b>Figura 31-</b> Visita ao local dos achados arqueológicos pelo professor João Klein e sua família ..... | 54 |
| <b>Figura 32-</b> Representação gráfica de um machado com cabo de madeira .....                           | 55 |
| <b>Figura 33-</b> Lâmina de machado .....   | 56 |
| <b>Figura 34-</b> Mão de pilão .....  | 57 |
| <b>Figura 35-</b> Bola de boleadeira .....  | 57 |
| <b>Figura 36-</b> Bola de boleadeira .....  | 58 |
| <b>Figura 37-</b> Bola de boleadeira .....  | 58 |
| <b>Figura 38-</b> Exemplo de método de confecção das bolas de boleadeira.....                             | 59 |
| <b>Figura 39-</b> Percutor.....   | 60 |
| <b>Figura 40-</b> Suposto artefato ritualístico .....   | 60 |
| <b>Figura 41-</b> Suposto afiador de machados .....   | 61 |
| <b>Figura 42-</b> Suposto vestígio arqueológico inacabado.....  | 61 |
| <b>Figura 43-</b> Suposto artefato arqueológico inacabado .....   | 62 |
| <b>Figura 44-</b> Distância entre os locais com vestígios arqueológicos.....                              | 63 |



## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1-** Escala geológica14

**Tabela 2-** Sítios da Tradição Umbu datados por radiocarbono no Rio Grande do Sul17

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>11</b> |
| <b>1. HISTÓRIA ANTIGA DO RIO GRANDE DO SUL E O MUNICÍPIO DE NOVO BARREIRO .....</b> | <b>13</b> |
| 1.1 História Antiga do Rio Grande do Sul .....                                      | 13        |
| 1.2 Breve caracterização do Município de Novo Barreiro .....                        | 22        |
| <b>2. PALEOTOCAS.....</b>   | <b>34</b> |
| 2.1 Definição e ocorrências no Rio Grande do Sul.....                               | 34        |
| 2.2 Abrigos Subterrâneos em Novo Barreiro/ RS.....                                  | 38        |
| <b>3. ARTEFATOS LÍTICOS .....</b>   | <b>50</b> |
| 3.1 Remanescentes de ocupação da História Antiga em Novo Barreiro/RS .....          | 50        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>64</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>66</b> |

## INTRODUÇÃO

Pesquisas arqueológicas e paleontológicas têm contemplado a incidência de paleotocas e remanescentes de ocupação nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, no interior a ocorrência desses fenômenos ainda necessita de pesquisas mais sistemáticas. É nesse sentido que se insere os esforços desse trabalho, sendo ele do campo da História, mas com um diálogo interdisciplinar com a arqueologia, procurando construir conhecimento histórico com base na cultura material. Vale ressaltar que

entende-se por cultura material o conjunto de vestígios palpáveis resultantes da ação humana, seja uma pedra lascada, um recipiente cerâmico, um canal para desviar a água de um rio, um quilombo, uma moradia, as ruínas de uma antiga cidade, armas, utensílios domésticos, entre outros [...] Estes vestígios constituem, em certo ponto, o reflexo das sociedades que os produziram, e sua análise aliada à interpretação do contexto ambiental do sítio arqueológico permite realizar inferências acerca de seus valores, crenças, costumes, entre outros fatores. (VICROSKI, 2011, p. 2)

O trabalho mostra-se igualmente relevante, pois propõe possibilitar a comunidade barreirense o conhecimento do patrimônio arqueológico, histórico, cultural e ambiental do município de Novo Barreiro, assim contribuindo para valoração do espaço, para a preservação e para compreensão dos processos de ocupação territorial e fenômenos históricos ali ocorridos.

Considerando que nem todas as sociedades passadas deixaram documentos escritos, os vestígios materiais adquirem um caráter de fonte documental, sendo possível construir um conhecimento acerca das sociedades humanas remotas. Como é o caso desta pesquisa, onde se consideram como documentos e fontes os vestígios arqueológicos e paleontológicos localizados no município.

As fontes de pesquisa utilizadas foram os artefatos líticos e as paleotocas. Os artefatos fazem parte de acervos pessoais de moradores do município; foram realizadas visitas aos locais dos achados, análise e medição dos vestígios como também plotagem, prospecção de superfície e visitas in loco as paleotocas.

Funari (2008, p. 96) afirma que “para tempos mais recentes, as fontes arqueológicas devem ser abordadas tendo em vista a possibilidade da analogia com outros povos em

situação semelhante, no que chamamos de paralelo etnográfico”, pois acredita que as fontes arqueológicas podem nos dar muito mais informações se utilizarmos essa analogia etnográfica, proporcionando uma melhor compreensão dos vestígios. Nesse sentido se pretendeu fazer um paralelo com pesquisas semelhantes realizadas no Sul do país, a fim de compreender o processo de ocupação do território em estudo.

Pesquisas neste sentido e que tiveram grande contribuição para realização do presente trabalho, foram realizadas por Pedro Ignácio Schmitz, Arno Kern, Ítala Irene Basile Becker, Francisco Silva Noelli, Fabrício Vicoski, Pedro Paulo Funari, Francisco Buchmann, Heinrich Frank, Renato Lopes e Felipe Caron.

A partir do tratamento analítico e interpretativo das fontes e considerando as pesquisas já realizadas no estado é possível atribuir o início do povoamento no município de Novo Barreiro aos grupos de caçadores- coletores que se instalaram nesta região aproximadamente no início do período holocênico, mas considerando que o território foi ocupado por mamíferos gigantes durante o período da megafauna.

Assim, estruturamos a pesquisa em três capítulos, onde são apresentadas de forma breve a História Antiga do Rio Grande do Sul, aspectos históricos do município em estudo e o mapeamento de vestígios e fontes paleontológicas e arqueológicas.

No capítulo inicial, abordamos brevemente a História Antiga do estado do Rio Grande do Sul, os primeiros grupos a se instalar no estado, características, alimentação, indústria lítica entres outros fatores. Apresentamos ainda a descrição do município de Novo Barreiro, do povoamento a atualidade.

O segundo capítulo é destinado para apresentação dos abrigos subterrâneos localizados no município. É evidente a ocorrência desse tipo de vestígio em dois locais, um na localidade Três Mártires e o outro na localidade de Poço Preto, ambos no interior do município. Estes locais são conhecidos por uma pequena parcela da comunidade barreirense e sempre instigaram a curiosidade dos munícipes.

Por fim, no capítulo final apresentamos os artefatos líticos encontrados por moradores no território barreirense bem como sua tipologia e indústria lítica a qual possivelmente pertenceu.

# **1. HISTÓRIA ANTIGA DO RIO GRANDE DO SUL E O MUNICÍPIO DE NOVO BARREIRO**

Pretende-se neste capítulo inicial fazer uma breve abordagem sobre a História Antiga do estado do Rio Grande do Sul e apresentar o município de Novo Barreiro, do povoamento a atualidade. Vale salientar que se optou por utilizar neste trabalho o termo História Antiga ao invés do termo “pré- história” o qual apresenta frágil fundamentação e se convencionou utilizar, não significando ser unicamente correto. Sendo assim será utilizado nesta pesquisa o termo História Antiga para se referir a este período.

## **1.1 História Antiga do Rio Grande do Sul**

O início do povoamento no Rio Grande do Sul tem datação de 12 mil anos A.P (antes do presente) na transição do período Pleistoceno e Holoceno (Ver quadro 1), com a chegada de grupos de caçadores-coletores. Vale ressaltar que

a época geológica em que vivemos hoje denomina-se holoceno, e foi precedida pelo pleistoceno, ambas divisões geoclimáticas integrantes do período geológico quaternário, da era cenozoica. O pleistoceno abrange um período de tempo que vai de dois milhões de anos a 12 mil anos antes do presente (AP), ao longo do qual ocorrem quatro grandes glaciações. (VICROSKI, 2011, p. 46)

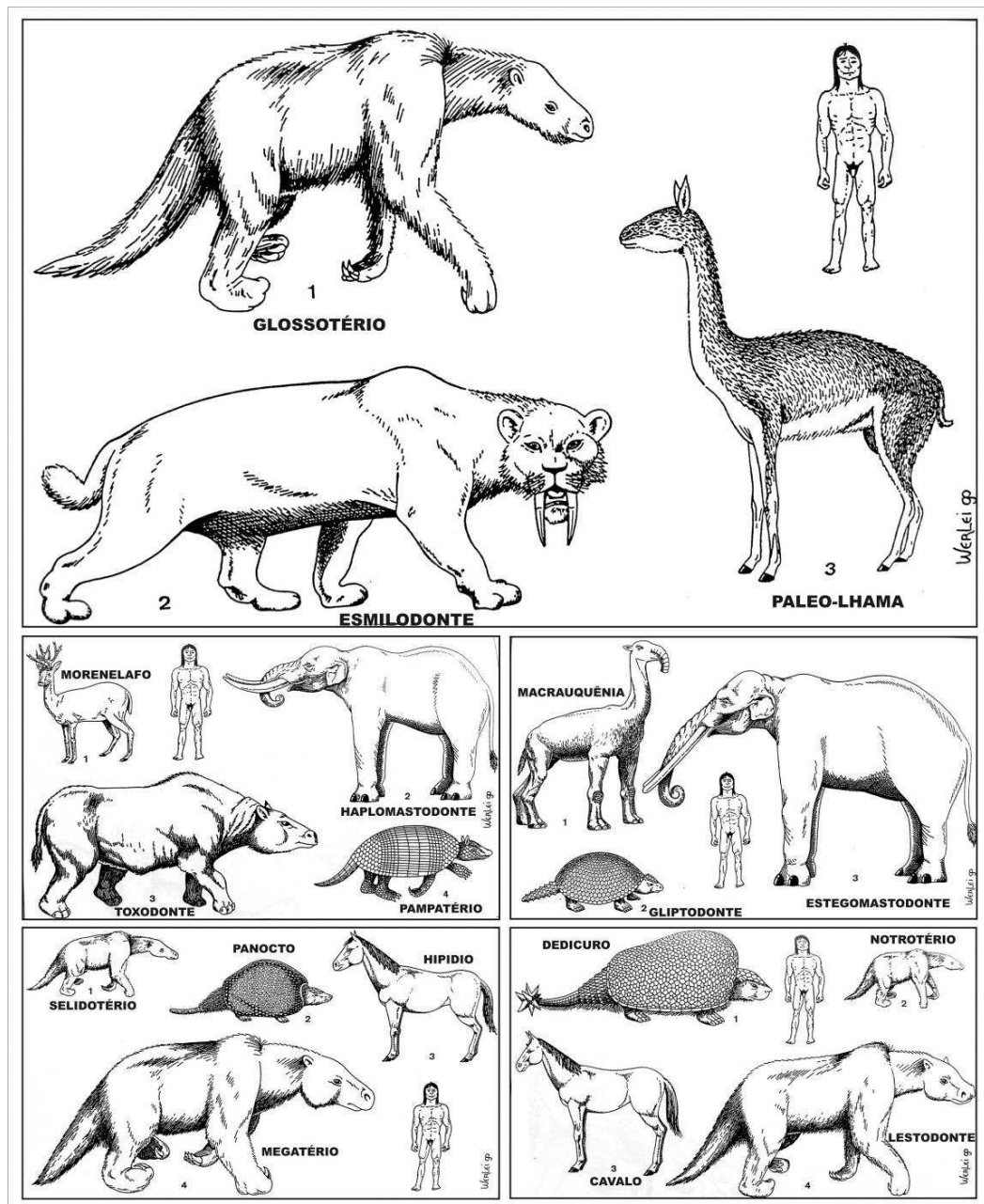
| ERA       | PERÍODO     | ÉPOCA       | IDADE      | CARACTERÍSTICA  |
|-----------|-------------|-------------|------------|---|
| Cenozóico | Quaternário | Holoceno    | 10.000     | "Era do Homem". O homem torna-se a forma de vida dominante sobre a Terra. Estabilização do clima.       |
|           |             | Pleistoceno | 1.750.000  | Glaciações mais recentes. Domínio dos mamíferos de grande porte. Evolução do homo sapiens.              |
|           | Terciário   | Plioceno    | 5.300.000  | Avanço das geleiras. A Vegetação é dominada pelos campos e savanas. Aparecimento de animais ruminantes. |
|           |             | Mioceno     | 23.500.000 | Formação de grandes campos. Mudanças levam a formação da calota polar Antártica.                        |
|           |             | Oligoceno   | 34.000.000 | Formação de grandes campos. Mudanças levam a formação da calota polar Antártica.                        |
|           |             |             |            |   |

**Tabela 1-** Escala geológica

**Fonte:** VICROSKI, 2011.

A última glaciação denominada Wurm (Europa) ou Wiscosin (América do Norte) ocorreu no período Pleistoceno durando aproximadamente 60 mil anos (70.000 AP – 10.000 AP) e atingiu o ápice 18 mil anos atrás. Neste período se formou grandes geleiras, o nível do mar se encontrava muito abaixo do atual e regressões e transgressões marinhas ocorriam com frequência. Também em razão do acúmulo de gelo acontecia deslizamentos provocando a deformação do relevo e processos de erosão. (VICROSKI, 2011)

Segundo a bibliografia arqueológica os primeiros grupos tiveram como via de penetração a região sul do estado, divisa com Argentina e Uruguai. Salienta-se que os primeiros habitantes chegam em um período onde a megafauna está presente, indicando o contato com esses animais (Ver figura 1).



**Figura 1** - Animais da megafauna extintos no período de transição entre o pleistoceno e holoceno

**Fonte:** (JACOBUS apud SCHMITZ, p. 174-178, 1991).

Durante o Holoceno inicial, dois grandes grupos de caçadores-coletores se desenvolvem e ocupam espaços, no interior do território gaúcho, em ambientes diferentes. O grupo mais antigo se estabelece nas zonas de campo e nas fímbrias das florestas das vertentes do Planalto Meridional, expandindo-se em direção ao sul. Através do pampa uruguaio e argentino, mantém contatos com grupos similares que se estendem até a Patagônia. Outro grupo de caçadores-coletores se instala no interior das florestas subtropicais do planalto gaúcho e de suas vertentes, procurando os vales quentes e úmidos. Seus sítios arqueológicos são encontrados ao longo dos vales do Rio Paraná e de seus afluentes, em uma área que se estende, em direção ao norte até os limites com a zona tropical. (KERN, 1991, p. 98)

As Tradições Umbu e Humaitá são as mais antigas já identificadas no Estado. Ambas apresentam características semelhantes, porém é possível diferenciá-las em razão das formas, técnicas, tamanhos e matéria prima utilizada na confecção de artefatos que na maioria das vezes eram adequados ao espaço que ocupavam. Vale salientar que o termo tradição trata-se de uma forma de nomear a tecnologia de confecção de artefatos líticos. Tal terminologia tem o objetivo de facilitar o diálogo e intercâmbio de informações entre os pesquisadores. É importante destacar que a Tradição não é um equivalente étnico, mas sim uma forma de produção de artefatos que eventualmente pode ter sido compartilhada por diferentes grupos étnicos.

Os grupos que ocuparam as zonas de campo, Tradição Umbu, apresentam indústria lítica baseada em pontas de projétil, na sua grande maioria pequenas, utilizadas como pontas de flechas com gume serrilhado, também grandes para lanças e bolas de boleadeira, o que de fato é propício e adequado ao ambiente de campo que ocupavam. Outra manifestação desta tradição são as gravuras rupestres encontradas ao longo da encosta do Planalto Meridional. (VICROSKI, S/D, S/P)

A tipologia lítica mostra uma grande diferença em relação à tradição Humaitá, mesmo sem levar em conta a existência de pontas de projétil. Já na escolha da matéria-prima, dá-se uma importância relativa bem maior às rochas mais frágeis (quartzo, sílex, calcedônia, ágata), que se prestam melhor à extração de lascas e ao retoque fino (inclusive por pressão) do que as rochas semifrágéis, como o basalto, procurado exclusivamente para fabricar os raros instrumentos pesados. O arenito era usado como polidor ou alisador (PROUS, 1992, p. 151).

Os alimentos consumidos eram providos de caça generalizada, os restos de alimentos encontrados por pesquisadores apresentam o veado, a anta, o porco do mato, a cutia, a paca, o coati, o bugio, o tatu, a jaguatirica, o ratão do banhado, a preá e lagartos. Também ossos de peixe, cascas de ovos de aves e frutas diversas. (SCHMITZ, 2006)



| <b>Datação a.P</b> | <b>Calendário Gregoriano</b> | <b>Área</b> | <b>Município</b> | <b>Sítio</b> |
|--------------------|------------------------------|-------------|------------------|--------------|
| 12.770 ± 220       | de 11.000 a.C à 10.600 a.C   | 01          | Alegrete         | RS/1/50      |
| 9.430±360          | de 7.480 a.C à 7.120 a.C     | 02          | Montenegro       | RS/TQ/58     |
| 5.950 ± 360        | de 7.480 a.C à 7.120 a.C     | 03          | Osório           | RS/LN/58     |
| 5.950 ±190         | de 3.845 a.C à 3.565 a.C     | 04          | São S. do Caí    | RS/RP/86     |
| 2.435± 85          | de 510 a.C à 400 a.C         | 05          | Rio Grande       | RS/RG/21     |
| 575± 80            | de 1.275 d.C. à 1.455 d.C    | 06          | São F. de Paula  | RS/S/308     |

**Tabela 2-** Sítios da Tradição Umbu datados por radiocarbono no Rio Grande do Sul

**Fonte:** OLIVEIRA , 2015 apud NOELLI, 2000

Por volta de 9.000 A.P., a Tradição Humaitá se adapta às condições do Holoceno inicial e permanece próxima aos rios e nas florestas subtropicais. Esta tradição apresenta indústria lítica com artefatos maiores e mais pesados, sendo caracterizada por peças bifaciais e de morfologia variada, como machados alongados, bumerangóides, choppers alongados, plainas, raspadores e lascas retocadas. Há indícios de que também confeccionavam instrumentos em madeira e aqueciam no fogo para endurecê-lo e o tornar mais resistente, era o caso de flechas e lanças. (KERN, 1991).

Na maioria das vezes,

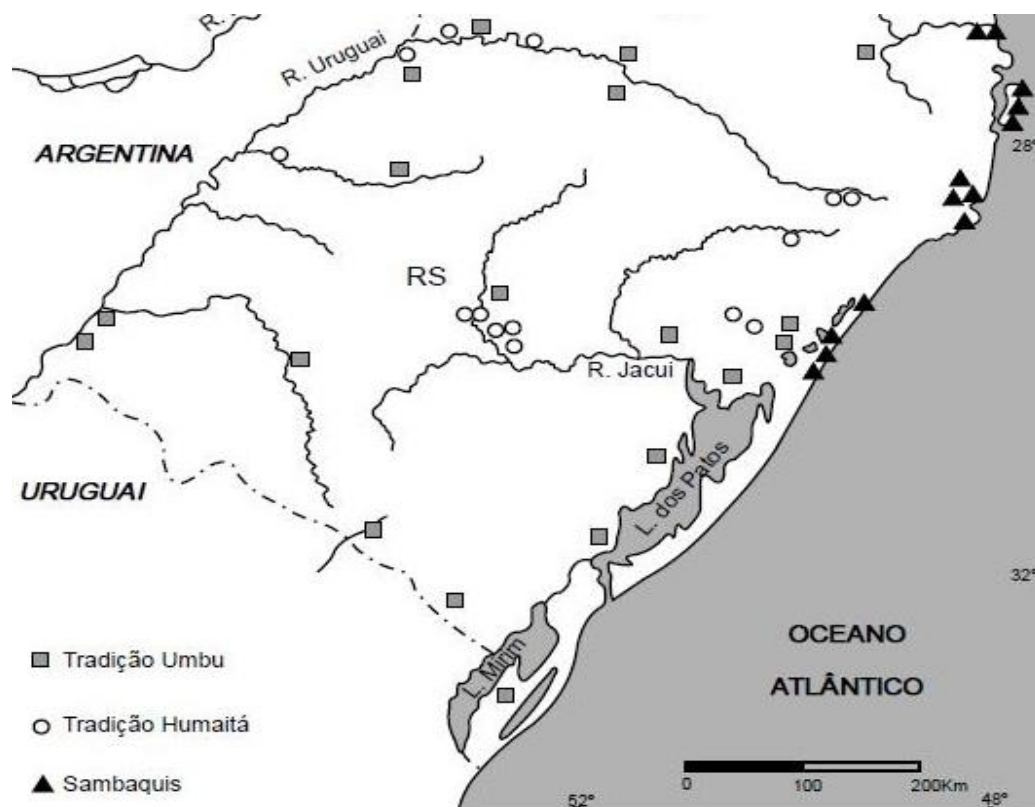
Estes artífices da nossa pré-história utilizavam seixos de basalto como percutores, para lascar a pedra e fazer por percussão direta os seus instrumentos. Mesmo os retoques nos gumes, para torná-los mais afiados e mais eficientes, foram feitos através das técnicas de percussão. A maioria dos instrumentos parece ter sido feita para trabalhar a madeira, como as grandes plainas que são instrumentos líticos de forma plano-convexa, como os raspadores, mas de tamanho maior. Apresentam desgastes na base, o que indica a sua utilização para trabalhar a madeira. Uma variedade muito grande de pesados talhadores foram encontrados. Alguns foram, por igual, lascados bifacialmente. Os seixos lascados de maneira a terem em uma de

suas extremidades um gume afiado serviram desde a mais remota antiguidade do homem até recentemente como uma espécie de machado manual rudimentar (KERN, 1994, p. 47).

Segundo o arqueólogo Arno Kern (1991, p. 98) “finalmente, quando o Holoceno inicial chega ao seu fim e se instalam as condições ambientais quentes e úmidas do Ótimo Climático (6.000 A.P.), sobre a planície costeira os sambaquis testemunham um outro modo de vida, pescador-coletor marinho, ao lado do oceano”. Foram formados sambaquis em todo o litoral, visto que

os sambaquis são acúmulos de conchas, ossos de peixes e outros resíduos de atividade humana, resultantes da ocupação do litoral marítimo por bandos especializados em sua exploração. São os resíduos mais volumosos produzidos por qualquer população pré-histórica brasileira. Podem formar morros de 30 metros de altura, ao longo de lagoas, lagunas, mangues, pântanos ou baías, onde os alimentos eram ricos, mas dificilmente são encontrados ao longo de praias retilíneas, onde o conjunto de alimentos é consideravelmente pobre. (SCHMITZ, 2006, p.21).

Durante grande parte do ano os alimentos disponíveis em grande quantidade no litoral eram moluscos, crustáceos e peixes do mar. Outra forma de buscar alimentos era a caça de mamíferos nos territórios vizinhos, principalmente na encosta do planalto e na Serra do Mar, sendo o litoral lagunar um ambiente com vastos recursos disponíveis para o homem. (SCHMITZ, 2006)



**Figura 2-** Mapa das áreas arqueológicas do Sul do Brasil datadas entre 4.000 anos a. C e 500 anos d. C: tradição Umbu, Humaitá e Sambaquis.

**Fonte:** SCHIMITZ, 2006, pág. 27

Estas tradições configuraram o cenário inicial de ocupação do estado do Rio Grande do Sul, contudo

a aparente estabilidade das populações Umbu e Humaitá começou a ser alterada pela invasão de duas levas principais de populações “ceramicistas”, agricultoras, de matriz cultural distinta, Tupi e Macro-Jê, por volta de 2.500 anos atrás, respectivamente originários da Amazônia e do Centro-Oeste do Brasil (NOELLI, 1999-2000, p. 228).

Estes povos já conheciam a horticultura, domesticação de animais, técnica de confecção de cerâmica e com o tempo introduzem estas inovações na cultura dos povos que já se encontravam no estado. São classificados em três tradições de acordo com a característica das cerâmicas, imigrantes da Amazônia: Tradição Tupiguarani, primitivos engenheiros do palanalto e suas estruturas subterrâneas: Tradição Taquara e aterros dos campos do Sul: Tradição Vieira. (SCHMITZ, 2006)

Os Guaranis estavam distribuídos pelas áreas de mata subtropicais ao longo de grandes rios como Uruguai, Jacuí, entre outros. Considerados “horticultores de floresta tropical”, sua economia era baseada em pequenas roças ou hortas para obtenção de carboidratos sob responsabilidade das mulheres, estas cultivavam milho, aipim, abóbora, feijão, amendoim, batata doce, fumo e algodão, já sob responsabilidade dos homens estava à caça e pesca (SCHMITZ, 2006). Em relação às roças

o cultivo era feito com uma tecnologia primitiva com as seguintes etapas: o corte do mato, a queimada, o cultivo nesta roça sem remover os troncos e sem afofar o chão, a colheita, enquanto o inço não cobria os cultivos, o abandono do terreno inçado para cortar novo trecho de mato. O ciclo fechava-se em apenas 3 anos (SCHMITZ, 2006, p. 42).

Realizavam também coleta de frutos, fungos, folhas e raízes para obter proteínas. Viviam concentrados em aldeias construídas na mata com troncos e palha, estas se interligavam por caminhos que iam do interior até o litoral. Havia líderes locais chamados de “caciques” os quais eram ao mesmo tempo líderes políticos, filosóficos, religiosos e curadores. (SCHMITZ, 2006).

É possível afirmar que “o Tupi- Guarani era nesse tempo um pequeno agricultor eficiente na exploração da floresta e um grande ceramista” (SCHMITZ, 2006, p. 36). Possuíam uma cultura material bastante diversificada, o ambiente supria as necessidades do grupo, pois além da argila para a produção de cerâmica e vasilhames e rochas para a elaboração de implementos - por mais que os artefatos de pedras sejam extremamente raros -, o meio oferecia materiais para produção de tecelagem, cestaria e canoas. Os recipientes cerâmicos são de grande porte, pintados e apresentam decorações corrugadas, por volta de 700 a 800 d. C.

Estas peças eram decoradas com padrões característicos dos Guaranis: as utilitárias de todo dia, tinham a superfície externa coberta com impressões regulares da polpa do dedo, da borda da unha, da ponta de um estilete, ou eram lisas; um outro conjunto, melhor trabalhado, era pintado, às vezes com um vermelho ou preto sobre uma base branca (SCHMITZ, 2006, p. 41).

Os primeiros sítios descobertos da Tradição Taquara se encontram no litoral. Ao que tudo indica esta tradição foi contemporânea dos Guaranis, com contato durante 2 mil anos, podendo haver miscigenação, sendo conhecidos como “guaranizados”. Outros evitaram o

contato, historicamente ficaram conhecidos como Guaianás (XVII e XVIII), Coroados ou Botocudos (XIX), Kaikang e Xokleng (XX). (SCHMITZ, 2006).

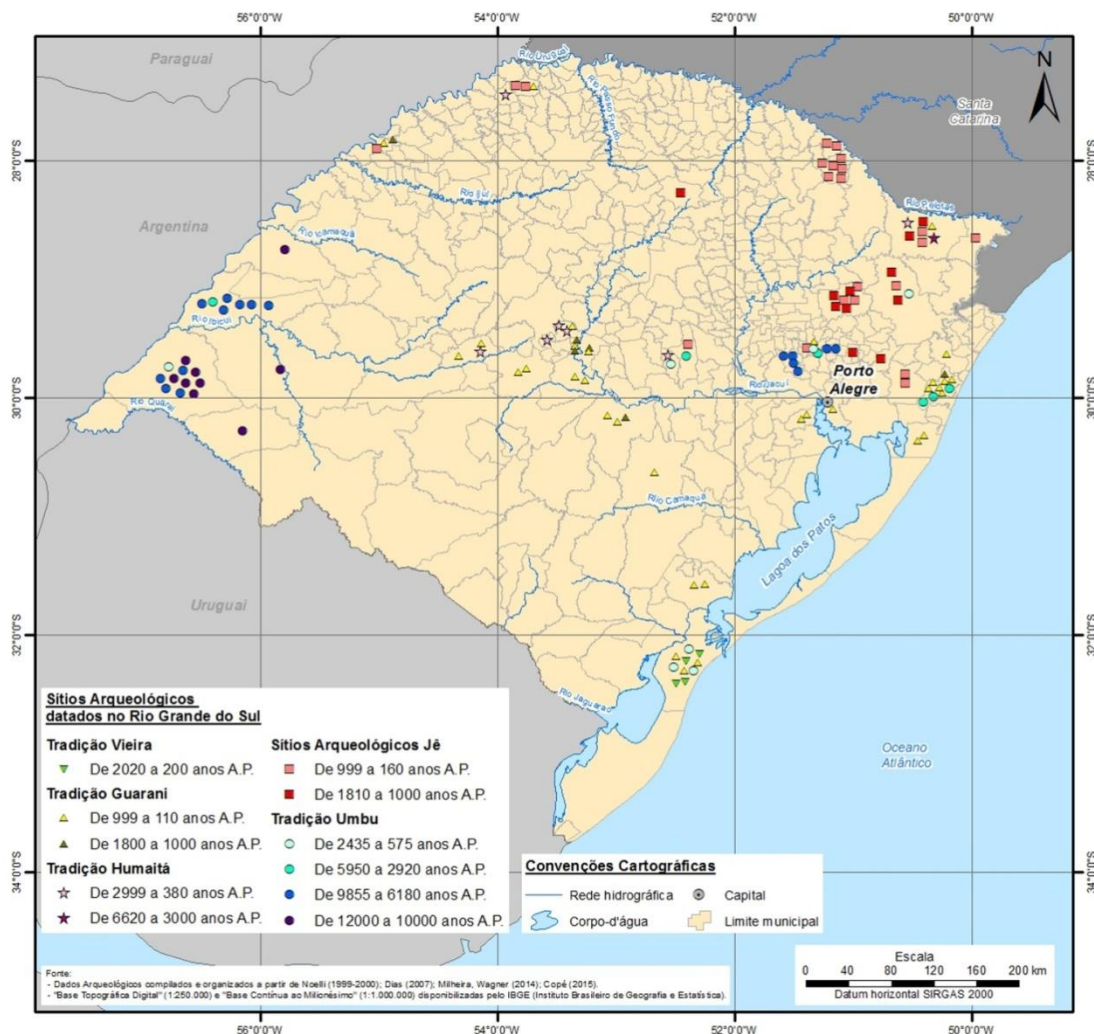
A cerâmica produzida por essa tradição apresenta recipientes pequenos, compostos de tigelas basicamente abertas e potes cilíndricos, com variada decoração impressa, podendo ser identificado negativos de cestaria, depressões de vários formatos e também de unhas. É caracteriza pelas “casas subterrâneas, galerias nas encostas dos morros e taipas fechando espaços à semelhança de fortificações, terraços de terra e pedra, além de montículos mortuários e/ou cerimoniais”. (SCHMITZ, 2006).

Assim como nas outras tradições, a economia da Tradição Vieira continuou sendo da caça, coleta e pesca. Os artefatos líticos encontrados em sítios pertencentes a esta tradição apresentam pedras com covinhas, polidores, facetas polidas e percutores, estes equipamentos eram utilizados principalmente para trituração de alimentos e preparo do couro. Artefatos de ossos também eram confeccionados, como pontas de projétil, anzóis, furadores. Contudo o elemento mais abundante é a cerâmica. Os recipientes exibem paredes finas e antiplástico<sup>1</sup> grosseiro de quartzo, sendo inicialmente sem decorações e acabamentos, posteriormente começam a apresentar depressões rasas produzidas com a polpa do dedo (SCHMITZ, 2006).

Estas tradições ocuparam o vasto território do Rio Grande do Sul por milênios. Desenvolveram culturas com características próprias se adaptando a ambientes específicos.

---

<sup>1</sup> Antiplástico, é um elemento natural da argila ou adicionado a ela que auxilia o artesão a trabalhar com a plasticidade da argila. Ver: ARIAS, A. E. P.; ESPAÑA, V. V. M. Glosario arqueológico – Términos más utilizados em Arqueología. La Paz: Reyes, 2011.



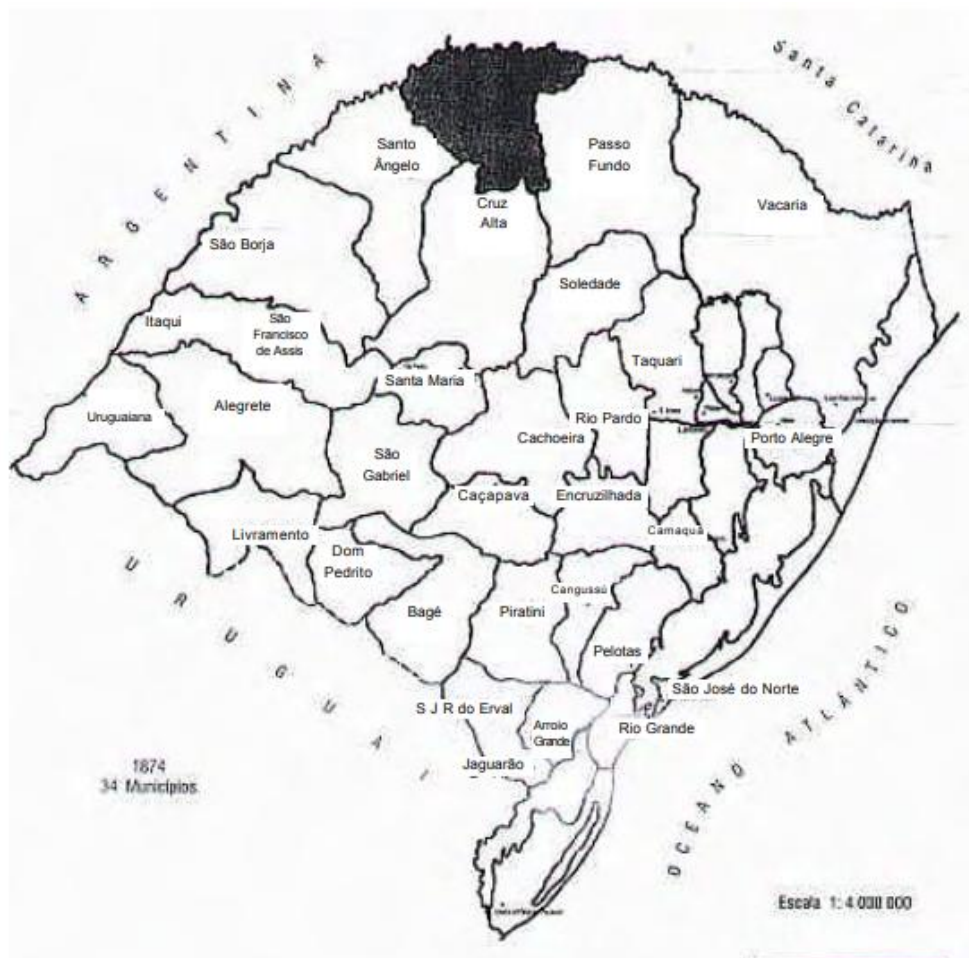
**Figura 3-** Sítios arqueológicos datados no Rio Grande do Sul

**Elaboração:** Danilo Alexandre Galhardo

**Fonte:** GALHARDO, et al, 2018.

## 1.2 Breve caracterização do Município de Novo Barreiro

O atual Município de Novo Barreiro pertenceu até o ano de 1992 a Palmeira das Missões, conhecida inicialmente como Vilinha. O território que viria a ser Palmeira das Missões se originou do município de Cruz Alta, e está “localizado no Planalto Médio rio-grandense, sua ocupação inicial está diretamente relacionada à exploração da erva-mate” (ARDENGHI, 2003, p. 39).



**Figura 4-** Divisão do estado do Rio Grande do Sul- 1874. Criação do município de Santo Antônio da Palmeira

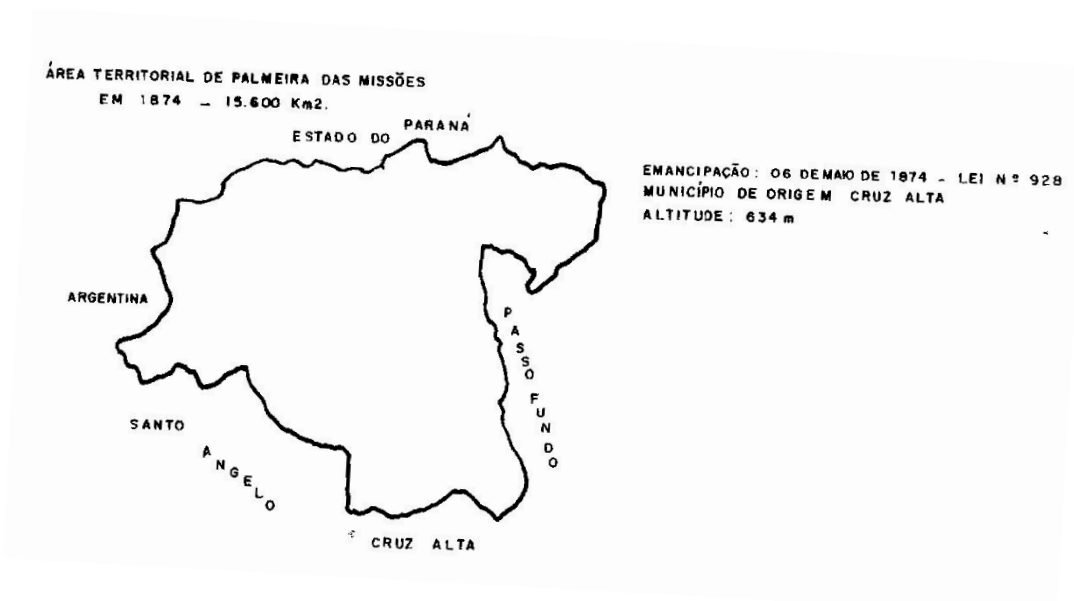
**Fonte:** ARDENGHI, 2003, p. 40.

Em relação ao início do povoamento histórico que compreende a região do município mãe de Novo Barreiro a historiadora Lurdes Grolli Ardenghi afirma que

o povoamento teve início por volta de 1815 através da formação de arranchamentos de ervateiros, oriundos da sede do município-mãe que era Cruz Alta. A “Vilinha”, como foi denominada, formou-se no local onde hoje é a praça Vila Velha, apresentando um lento crescimento populacional tendo em vista que o extrativismo ervateiro caracterizava-se pela mobilidade constante (ARDENGHI, 2003, p.39).

Em agosto de 1834, Cruz Alta foi dividida em seis distritos, sendo Palmeira o quinto com uma área de 15 000 Km². A emancipação ocorreu em maio do ano de 1874, ocupando

um vasto território no norte do Rio Grande do Sul e originando dezenas de novos municípios, dentre eles Novo Barreiro (ARDENGHI, 2003).



**Figura 5-** Área inicial de Palmeira das Missões

**Fonte:** ARDENGHI, 2003, p. 41.

Mozarte Pereira Soares destaca e explica o povoamento histórico<sup>2</sup> de Palmeira das Missões com base em três fases que deram apoio a ocupação do território, tendo em vista as atividades econômicas. Segundo ele

a inicial se estende por toda a existência das Missões jesuíticas. É a época do reconhecimento de seu território, da descoberta e exploração dos ervais nativos. (...) A segunda pode ser chamada de “ciclo do tropeirismo”. É a hora do bandeirantismo pastoril. (...) Ela obedece a uma motivação econômica, de apropriação da gadaria remanescente da criação jesuítica, e outra estratégica, pela necessidade de defesa do território das Missões, após sua incorporação ao Brasil. Não nos parece descabido considerar como início da terceira fase do povoamento de nosso município o ano de 1917, quando aqui se estabeleceu a Comissão de Terras e Colonização e veio disciplinar o crescimento demográfico incrementado desde então. (SOARES apud ARDENGHI, 2003, p. 42)

---

<sup>2</sup> Nesse aspecto nos referimos ao povoamento como projeto sistemático de ocupação do território. Assim, salientamos que a presença de grupos humanos na região é anterior a chegada dos Jesuítas, como já mencionado acima.





**Figura 6-** Emancipações que ocorreram no território de Palmeira das Missões até 2001

**Fonte:** ARDENGHI, 2003, p. 41.

Conforme dados do site da prefeitura, o Município de Novo Barreiro está localizado na região norte do estado do Rio Grande do Sul, possui atualmente uma área territorial de 121,71 km<sup>2</sup>, apresenta altitude de 630 metros acima do nível do mar e o clima é subtropical. As localidades do município são: Vista Alegre, Coxilha Rural, Linha Gamba, Linha Ribeiro, Linha Olária, Linha Progresso, Três Passinhos, Linha Jogareta, Posse dos Camargos, Linha Prestes, Linha Fagundes, Volta Braba, Bela Vista, Poço Preto e a Sede.

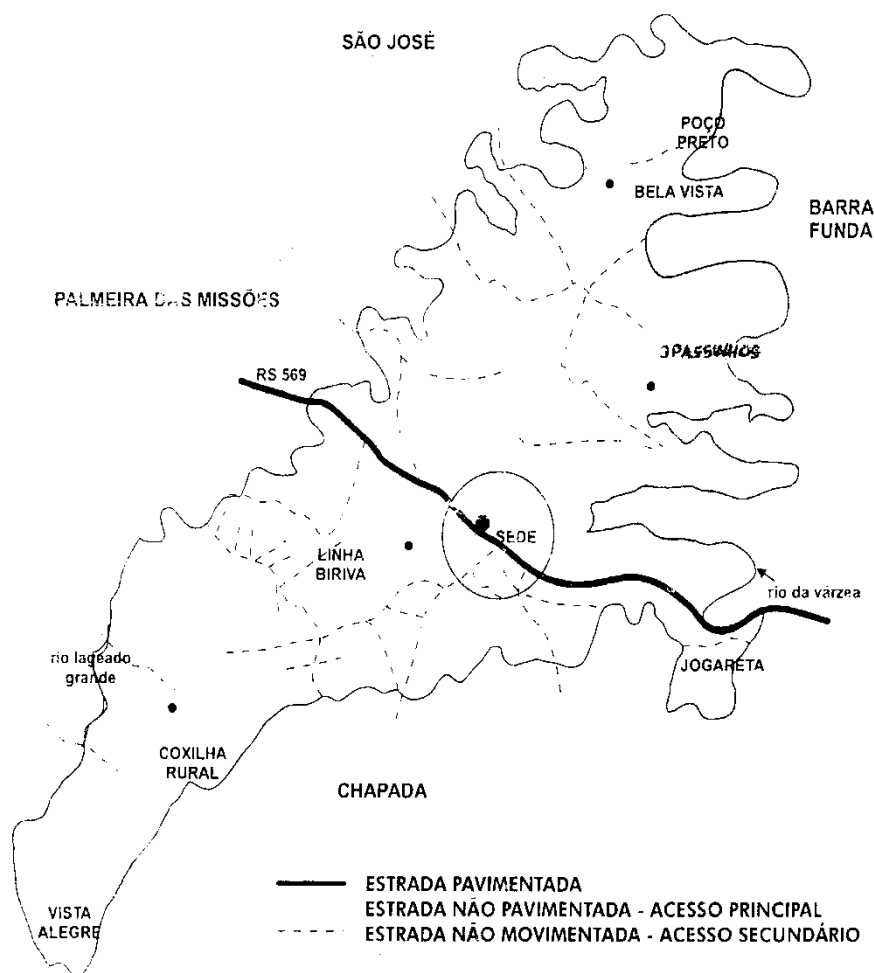
Os rios que cortam o território Barreirense são: Rio da Várzea, Rio Barreiro, Rio Passo Raso, Rio Lajeado Grande, Rio Macaco e Rio Gambá. Os municípios que fazem divisa com Novo Barreiro são: Palmeira das Missões, Chapada, Barra Funda, Sarandi e São José das Missões.

# NOVO BARREIRO

## MAPA DE ÁREA

CRISTO REDENTOR

SARANDI



**Figura 7-** Mapa de Novo Barreiro

**Fonte:** Site da prefeitura de Novo Barreiro

A origem histórica do nome Barreiro é em virtude do riacho popularmente chamado de barreirinho. Sua nascente se localiza em Boi Preto, cortando as terras de Palmeira das Missões em direção ao Rio da Várzea. Havia sobre o riacho um passo, ou melhor, um desfiladeiro, por conter em suas margens certo teor de salinidade e a quase ausência de moradores nas redondezas, a presença de animais como antas, porco do mato, pacas, veados e capivaras era frequente.

Em razão da presença destes animais, caçadores da região vinham até o Passo do Barreiro onde os animais se banhavam e lambiam o barro, fazer suas caçadas. De certa forma estes caçadores popularizaram o nome Passo do Barreiro. Mais tarde, por volta de 1850, com a chegada das primeiras famílias de portugueses, italianos e alemães, a localidade passou a ser chamada de Passo do Manduca. Morador que construiu sua casa próxima ao Rio Barreirinho e adquiriu direito sobre as terras próximas ao desfiladeiro. Porém o novo nome não teve grande repercussão, os moradores continuaram chamando Passo do Barreiro, o que resultou na localidade denominada Barreiro.

As primeiras famílias de moradores do século XIX a se instalar na região que hoje compreende o município foram Manoel Custódio, Marculino Custódio, Pedro Isidoro, Salvador Rodrigues de Moraes, Manoel da Silva, Maximiliano da Silva (Tirano) e Joaquim Custódio (Joaquim Segundo). Estes caboclos vieram da região que atualmente compreende o município de Palmeira das Missões. Dentre seus costumes e atividades de lazer estava o fandango de galpão, carreiradas, matinê e baile de campanha. (KOLLING, 2008)

Com o passar dos anos o povoamento foi aumentando, famílias de descendentes de italianos e alemães começam a estabelecer moradias próximas a localidade de Barreiro. A maioria destas famílias vieram de municípios vizinhos, que hoje compreendem a região de Sarandi, Chapada e Carazinho. Suas culturas, hábitos e costumes surpreenderam os caboclos. Falavam seus próprios dialetos e apresentavam diversidade culinária com produtos produzidos na roça e com o leite.

O povoamento foi aumentando próximo ao Passo Barreiro. Na parte alta do povoado instalaram-se as famílias descendentes de alemães. Em sua maioria, Rheinheimer, Massing, Dilemburger, Klein, Linke, Franz, Schlemer. Estas famílias construíram uma capela luterana e um local para realizar as festas religiosas. Na parte baixa as famílias de italianos, em sua maioria, se estabeleceram bem próximas ao Passo Barreiro. Destacam-se, os Vicari, Rossetto, Begnini, Sebastiani, Baratto, Rupolo, Signori, Kolling, Stamm, Junges, Thiel, Appel, Schneider, Eitelwein, Andriolli. (KOLLING, 2008)



**Figura 8-** Fotografia da casa de Elza Caeram Kolling e João Homero Kolling na década de 1970

**Fonte:** Fotografia cedida por Sandro Luís Kolling

Em meio ao povoado existiam casas de comércio, armazéns de compra e venda de produtos coloniais, de secos e molhados e bodegas, com grande variedade de produtos a granel. Havia uma empresa de ônibus pertencente à família Massing, esta tinha apenas uma linha de transporte, Palmeira das Missões a Sarandi e vice-versa. Mais tarde foi vendida para o Vicente Postai e, este vendeu para o Erno Schwede.

Em 1959 a Vila Barreiro foi elevada a 2º Distrito de seu município-mãe, ficando denominado Distrito de Barreiro. A partir de então passou a existir uma sub-prefeitura, localizada onde hoje é o Centro de Referência de Assistência Social- CRAS, nesta mesma construção havia uma cela que servia como prisão, para tomar conta da mesma, foi enviado um policial, na época chamado de praça, Sargento Alfredo e posteriormente o Cabo Brizola.<sup>3</sup>

De tempos em tempos a administração de Palmeira das Missões encaminhava máquinas precárias para trabalhar na localidade. Porém nos primeiros anos da colonização

---

<sup>3</sup> Em 1960 foi instalada uma rede de energia elétrica, esta abrangia o território da sede do município. Também foi introduzido o telefone a pilha, facilitando a comunicação entre municípios vizinhos, sub-prefeitura, posto policial e comerciantes. Havia um sub-prefeito, este era escolhido e de confiança do Prefeito do município-mãe, portanto alguém que defendia seus interesses e fazia campanha política a seu favor.

não existiam estradas, os cruzamentos, e a conservação dos mesmos eram feitos pelos próprios moradores com arados, picão, foice, enxada e machado.

Desde o início do povoamento histórico a economia se baseou na produção agrícola de subsistência. Inicialmente com os caboclos, que faziam suas pequenas roças e mais tarde com os imigrantes, os que tinham métodos de cultivo diferente e uma variedade de produtos maior. Na década de 1960 a ilusão do cultivo da soja chegou na localidade, tendo grande aceitação entre os produtores, os quais passaram a se dedicar praticamente somente a seu cultivo e com o dinheiro da venda desse produto adquiriam os demais, como feijão e arroz nas bodegas.

Outro produto importante que movimentou e continua movimentando a economia do município foi a erva mate. Esta tem sua produção destacada desde que pertencia a Velha Palmeira. Alguns dos primeiros ervateiros da localidade: Antônio Alves da Silva (Erva-mate Lazer), Paulo de Vargas Neto (Erva-mate Sempre Verde), Paulo Josias Machado (Erva-mate Graia Azul), Adair Vargas da Silva (Erva-mate Flor do Pago), Jacob Alves Rodrigues (Erva Mate Três Palmeiras), Pompílio Silva (Tradição da Palmeira), Isaías R. Da Cruz (Erva-mate Biriva). Até os dias atuais a erva-mate é uma importante fonte de renda em Novo Barreiro. (KOLLING, 2008)

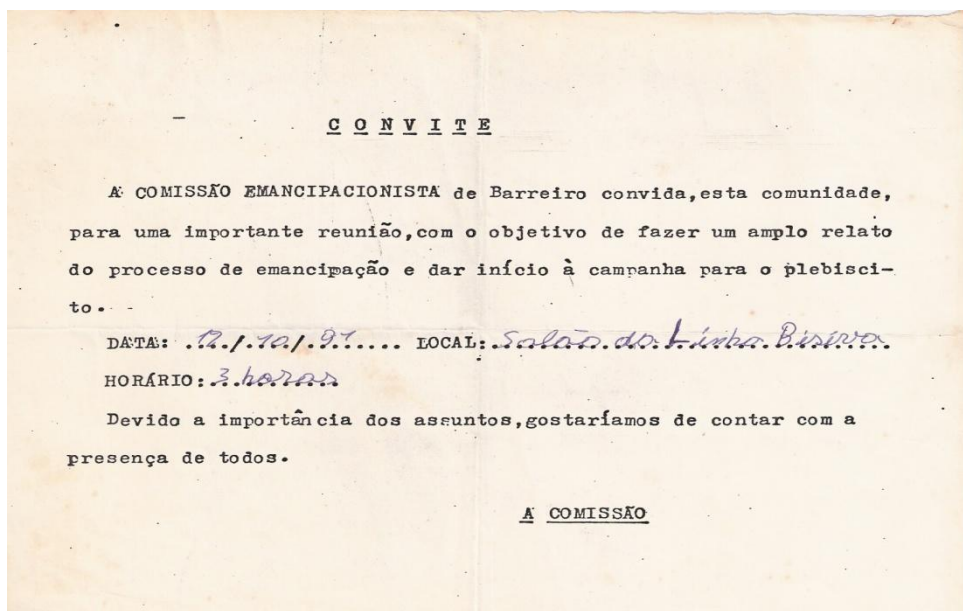
No final da década de 1980 e início da década de 1990, o cenário era de descontentamento por parte da população do Distrito de Barreiro com as autoridades de Palmeira das Missões. A situação era de abandono na área da saúde, educação e obras. A população vinha diminuindo consideravelmente, migravam para cidades maiores em busca de melhores condições de vida. Neste contexto de descontentamento surge à ideia de emancipação, esta começa a circular em todos os lugares, seja em festas, jogos, bares e casas. Em 09 de Junho de 1990 é formada uma comissão visando à emancipação política de Barreiro, esta escolhida e eleita pelo povo em reunião.<sup>4</sup>

A mobilização em prol da emancipação do Distrito de Barreiro foi grande. A população abraçou a causa, contribui com a Comissão Emancipacionista na busca de fundos para desenvolver o trabalho e chegar à “tão sonhada” cidadania Barreirense. Após encaminhar para a Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, todos os documentos

---

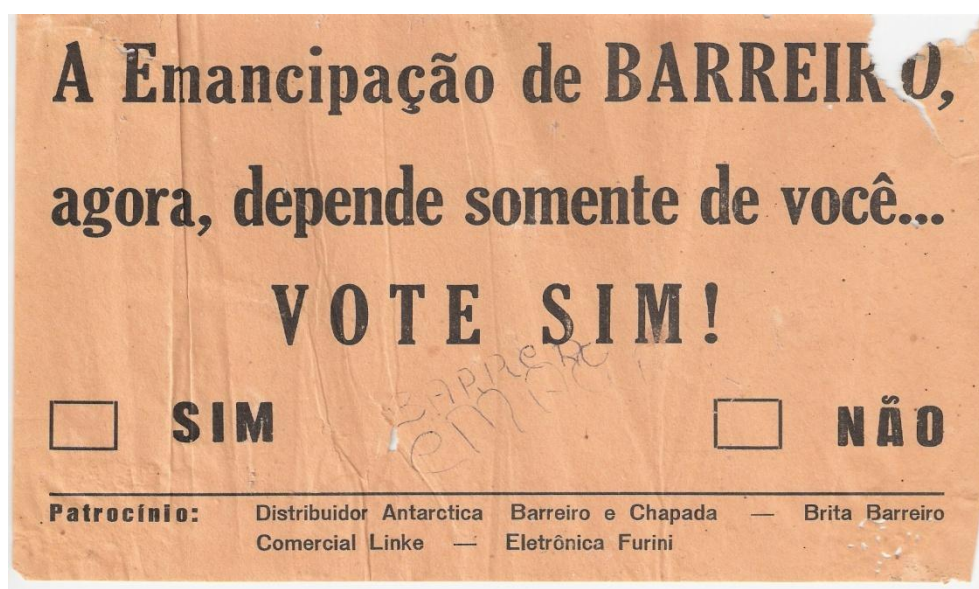
4 Os seguintes membros faziam parte da comissão: Presidente: Rubens Fernando Furini, Vice-presidente: Arnildo Hendges, 1º Secretário: Luis Carlos Begnini Stamm, 2º Secretário: Paulo Eitelwein, 1º Tesoureiro: Cezar Tonini, 2º Tesoureiro: Pedro Remir Massing, Conselho Fiscal: Vilmar Rossetto, Daniel Vargas da Silva, Ardilo Gorgen, Jandir Tonello, Ilírio Rossetto e Erênio Massing. Contavam ainda com o apoio dos Vereadores de Palmeira das Missões: Edemar João Rossetto e Jacob Alves Rodrigues. (KOLLING, 2008)

necessários para a emancipação, no dia 12 de outubro de 1991 a convite da comissão, ocorre uma reunião com a finalidade de relatar os trabalhos realizados e organizar a campanha para o plebiscito que ocorreria no dia 10 de novembro de 1991. (KOLLING, 2008)



**Figura 9-** Convite para reunião sobre o Processo de Emancipação

**Fonte:** KOLLING, 2008, p. 61.



**Figura 10-** Propagando para emancipação

**Fonte:** KOLLING, 2008, p. 61.

No dia 25 de Fevereiro de 1992 a Assembleia Legislativa aprovou a Emancipação. Esta foi sancionada com a Lei nº 9563 em 20 de Março de 1992, elevando o Distrito de Barreiro a Município de Novo Barreiro. A partir de então ocorre no dia 03 de Outubro de 1992 a primeira eleição no novo município.<sup>5</sup>

Atualmente ainda não há um museu municipal, um arquivo, uma casa da cultura ou uma Instituição que valorize as questões histórico-culturais do município. O que existe é um pequeno museu localizado nas dependências da Escola Estadual de Ensino Médio São João Batista que no ano de 2012 fez uma campanha para a fundação deste pequeno museu, a fim de valorizar a história da comunidade, nos mais variados aspectos. A partir desta iniciativa, foram arrecadados artefatos, doados por alunos, professores, familiares e a população em geral a qual se sensibilizou com a proposta, propiciando a construção da história local. É notório que ela por si só não é capaz de explicar-se, porém pode contribuir de forma significativa para a conscientização do valor da memória da localidade.

Os objetos se encontram expostos em mesas e paredes em um lugar pequeno e precário, não sendo separados por utilidade ou outra especificação qualquer, sem contar com investimentos, sendo que quem faz a sua manutenção é um grupo de alunos acompanhados do professor de História. Porém, por mais que não alcance o ideal para um museu, é de grande importância e relevância para se iniciar uma educação patrimonial, bem como um sentimento de sensibilização em relação ao passado. Grande parte do acervo pertenceu a pessoas mais antigas que viveram no município de Novo Barreiro- RS, através destes objetos, é possível conhecer e compreender boa parte da história e da cultura local dos antepassados.

O Museu João da Macena recebeu este nome em razão do andarilho João da Macena. Figura que está na memória das pessoas do município com um pouco mais de idade, todos se lembram com muito respeito e admiração da sua religiosidade, suas práticas de benzimento tanto para as pessoas quanto para os animais, do seu respeito e o quanto lutava para viver, em função de uma hérnia que tinha. Certamente marcou e deixou sua contribuição para a história de Novo Barreiro, como ainda hoje permanece nas histórias contadas no dia a dia das pessoas.

---

5 Alguns membros da Comissão Emancipacionista concorreram aos cargos eletivos, em virtude do prestígio que adquiriram da população, eram eles: Cezar Tonini (Prefeito - PDT), Jandir Tonello (Vice-prefeito - PDT e PDS), Paulo Eitelwein (Vereador - PT), Luis Carlos Begnini Stamm (Vereador - PDS), Arnildo Hendges (Vereador - PDS), Edemar João Rossetto (Prefeito - PT). O número de eleitores aptos a votar era de 2.836, destes 2.628 compareceram no dia da votação. A primeira administração eleita do Município de Novo Barreiro foi: Prefeito: Professor Edemar João Rossetto, Vice-Prefeito: Professor Dirceu Roque Kolling. Os Vereadores eleitos foram: Maria Sueli Nicola Furini, Waldecir Hammes, João José Klein, Valdir Link, Almino da Silva, Jacob Alves Rodrigues, Paulo Eitelwein, Wilmo Zanetti e Paulo Josias Correa Machado. (KOLLING, 2008)





**Figura 11-** Fotografia de João da Macena

**Fonte:** Fotografia cedida por Sandro Luís Kolling

Outra atividade importante que vem contribuindo de forma significativa para valorização da história local é o Roteiro Turístico “Caminhos da Erva-Mate” pertencente ao Polo Ervateiro Planalto/ Missões. É um roteiro rural, pedagógico, gastronômico, de lazer e cultural, que consiste em apresentar e demonstrar para moradores do município e visitantes todos os processos de produção da erva-mate, desde a semente até o produto final para o consumo. Além das paisagens os visitantes conhecem o modo de vida dos produtores de erva-mate, como também as formas de produção acompanhando as fases do plantio até o produto final.

Também é realizada no município a Feimate (Feira da Erva- Mate), que é um evento cultural, feira da indústria, comércio, exposições culturais, animais, agronegócios e shows. O objetivo da feira é demonstrar as potencialidades do município com a erva-mate e promover intercâmbios culturais e sociais entre os municípios de toda a região.

As informações acima buscaram apresentar o caráter étnico e identitário que conformou o município desde os processos sistemáticos de ocupação do território. Desse



modo, observa-se que técnicas tradicionais de manejo do solo perduraram até a segunda metade do século XX, contexto em que o plantio da soja dissemina-se na região. Esses fatores, de baixo impacto se comparados a ação das grandes máquinas agrícolas, favoreceu a remanescência de vestígios/artefatos no solo e sua coleta pelos moradores.

No que tange ao cultivo da erva-mate e considerando, entre outros fatores e heranças, que o seu manejo, explorado pelo roteiro turístico quanto pela Feimate, está intrinsecamente ligada às práticas milenares indígenas, a presente pesquisa pretende apresentar o potencial arqueológico e paleontológico de Novo Barreiro, procurando somar o elemento indígena às narrativas de história e identidade do município, incorporando, portanto, as fontes de pesquisa, os artefatos líticos e as paleotocas encontradas em Novo Barreiro. Os artefatos fazem parte de acervos pessoais de moradores do município; foram realizadas visitas aos locais dos achados, análise e medição dos vestígios como também plotagem, prospecção de superfície e visitas in loco as paleotocas.

## 2. PALEOTOCAS

Destinamos este capítulo para fazer uma breve abordagem sobre pesquisas realizadas no Sul do Brasil a respeito das paleotocas bem como apresentar os abrigos subterrâneos localizados no município de Novo Barreiro. É evidente a ocorrência desse tipo de vestígio em dois locais do município, na localidade Três Mártires e na localidade de Poço Preto, ambos no interior do município. São conhecidos por uma pequena parcela da comunidade barreirense e sempre instigaram a curiosidade dos munícipes.

### 2.1 Definição e ocorrências no Rio Grande do Sul

Há milhares de anos animais pré-históricos construíram abrigos subterrâneos que ainda hoje instigam a curiosidade das pessoas e são tema de estudos paleontológicos, arqueológicos e históricos. Atualmente denominados paleotocas, estes túneis serviram para proteger os mamíferos da megafauna das intempéries e como habitação.

Pode-se afirmar que as

paleotocas são estruturas de bioerosão em ambiente continental encontradas na forma de túneis ou galerias escavadas em rochas alteradas ou não, apresentam seções elípticas ou circulares com 0,7 a 3,0 m de diâmetro e centenas de metros de comprimento. Estas estruturas são moradia temporária ou permanente, atribuídas a escavação por mamíferos fossoriais gigantes, que habitavam a América do Sul durante o Terciário e o Quaternário. (BUCHMANN et al., 2011)

Quanto à classificação destes túneis,

Frank *et al.* (2011) classificam as paleotocas de acordo com seu grau de preservação em cinco tipos: (i) paleotocas integralmente preservadas, sem preenchimento e cuja seção é elíptica ou circular, sem apresentar feições de colapso de teto, nem de erosão do piso; (ii) paleotocas que sofreram a erosão por águas correntes; (iii) paleotocas parcialmente preenchidas por sedimentos; (iv) paleotocas integralmente preenchidas por sedimentos, denominadas de crotovinas; (v) as dolinas e trincheiras, que são paleotocas cujo teto sofreu desabamento (BUCHMANN et al, 2016, p. 260).

Existem dificuldades quanto à identificação do responsável pela escavação das tocas, principalmente quando não são encontrados restos fósseis no interior dos túneis e galerias, contudo

as dimensões das tocas (altura X largura), marcas de escavação e marcas de osteodermos presentes ao longo das galerias sugerem pelo menos dois escavadores: a) mamífero xenarto dasipodídeos (tatus- gigantes) no caso de galerias com diâmetro entre 0.7 e 1.4 e b) mamífero xenarto milodontídeos (preguiças- gigantes) caso das galerias com diâmetro de até 3 m. (BUCHMANN et al., 2011)

Sendo assim os túneis menores são de tatus e os maiores de preguiças-terrácolas. Esses animais foram extintos na transição do Pleistoceno-Holoceno (cerca de 12.000 A.P.).

### Tamanhos das tocas e seus possíveis escavadores

Preguiças-terrácolas dos gêneros *Lestodon* e *Glossotherium* teriam capacidade de abrir as tocas maiores (*Megaichnus major*), já os tatus dos gêneros *Pampatherium* e *Propraopus* criariam as menores (*M. minor*)

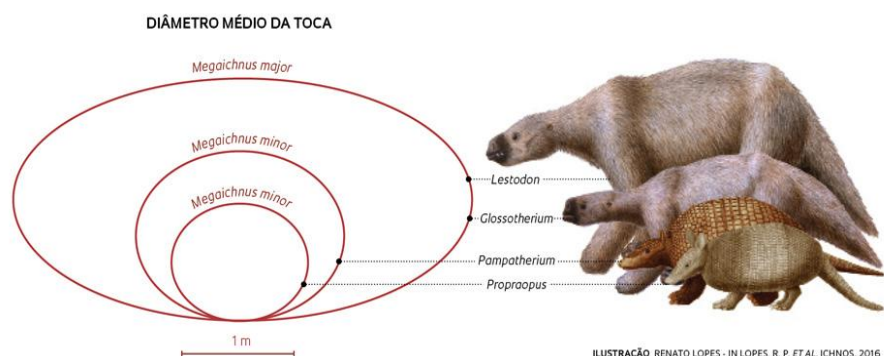


ILUSTRAÇÃO RENATO LOPES - IN LOPES, R. P. ET AL. ICHNOS. 2016

**Figura 12-** Tamanhos das tocas e seus possíveis escavadores

**Fonte:** BUCHMANN et. al, 2009

Quanto ao tipo de rocha que a maioria das paleotocas já identificadas e mapeadas no Rio Grande do Sul foram escavadas, Frank et al. (2008) identifica como basaltos alterados, ou seja, escavadas no saprolito<sup>6</sup>.

A ocorrência de paleotocas e crotovinas está presente em diversas regiões do Brasil. Pesquisas realizadas por Buchmann et.al (2009) no Sul e Sudeste do país apontam a identificação e mapeamento da ocorrência de duas paleotocas e 24 crotovinas. Segundo estas pesquisas no Município de Cristal, a paleotoca se encontra nas margens da BR- 116, exposta em um barranco que em 2003 foi escavado para construção de um parquinho. A matriz sedimentar que foi escavada é siltico- argiloso maciça. A partir do levantamento topográfico os resultados obtidos foram que o túnel mede cerca de 33 metros, apresentando uma largura

<sup>6</sup> Rocha decomposta por intemperismo químico para um material argiloso, variavelmente friável, de cores amarelas a avermelhadas ou em tons de cinza, na dependência da rocha original e do clima, podendo conter quartzo e outros minerais resistentes à alteração e preservando, frequentemente, muitas das estruturas da rocha sã que ocorre abaixo. Para mais informações ver: <http://sigep.cprm.gov.br/glossario/verbete/saprolito.htm#>

média de 1,46 m e altura média de 0,9 m sendo que a largura máxima e mínima obtida foram, 2,13m e 1,18m e a maior e menor altura obtida foram de 1,13m e 0,68m. No interior, há marcas de garras nas paredes feitas pelo construtor, são de dois tipos, sulcos curtos e profundos e cristas paralelas longas e estreitas.

Já em Cambará do Sul a paleotoca encontrada foi parcialmente destruída em razão da construção da RS 427. É semicircular e a rocha matriz basáltica se encontra em condição friável devido ao intemperismo. Apresenta 6,5m de comprimento sem ramificações sendo que as medidas obtidas de largura e altura foram respectivamente 1,6m e 1,2. No seu interior também há marcas de garras, curtas e profundas.

Em relação à ocorrência de crotovinas, vestígios caracterizados por apresentarem galerias totalmente ou quase totalmente preenchidas de sedimentos, foram identificadas por pesquisas realizadas e descritas em Buchmann et.al (2009). Os municípios onde esses vestígios foram encontrados são, Cambará do Sul, São Lourenço do Sul, São José dos Ausentes, Gramado, Encruzilhada do Sul, Chuvisca e Viamão.

A partir das pesquisas realizadas as considerações ressaltadas, diz respeito

a ocorrência de paleotocas e crotovinas em locais de terreno inclinado, e relativamente elevado, sugere a preferência dos organismos para lugares altos com visão panorâmica e fonte de água próxima para a escavação das galerias (BUCHCHMANN et al, 2009, p.255).



**Figura 13-** Concentração de túneis escavados supostamente por mamíferos primitivos no Sul e Sudeste do Brasil

**Fonte:** LOPES, R. P. ET AL. ICHNOS, 2016.

Pesquisas com a intenção de identificação e mapeamento destes vestígios também estão sendo realizadas através do “Projeto Paleotocas”<sup>7</sup>, o qual vem desenvolvendo suas atividades desde 2001 e já identificou nas regiões Sul e Sudeste do país centenas de paleotocas e crotovinas.

---

<sup>7</sup> Mais informações a respeito do Projeto Paleotocas podem ser obtidas em: <http://www.ufrgs.br/paleotocas/Portugues.htm>.

Contudo não há pesquisas do município em estudo registradas por este projeto, o qual leva frente às pesquisas sobre paleotocas no Brasil. Neste aspecto a presente pesquisa é relevante, pois contribui para os estudos que estão sendo realizadas a nível nacional, evidenciando que a região em estudo também apresenta este tipo de fenômeno.

## 2.2 Abrigos Subterrâneos em Novo Barreiro/ RS

É evidente a ocorrência de abrigos subterrâneos no município de Novo Barreiro. Há dois locais que apresentam este vestígio, um localizado na localidade Três Mártires e o outro na localidade de Poço Preto, ambos no interior do município. Estes locais são conhecidos por uma pequena parcela da comunidade barreirense e sempre instigaram a curiosidade dos munícipes.

A ocorrência localizada no Três Mártires é popularmente chamada de “caverna dos índios”, pois credita-se a eles escavação dos túneis. É plausível a hipótese de que ela seja uma paleotoca e que posteriormente serviu de abrigo para os indígenas. Encontra-se próxima ao Rio Gambá em um capão ao lado de uma área de criação de bovinos.

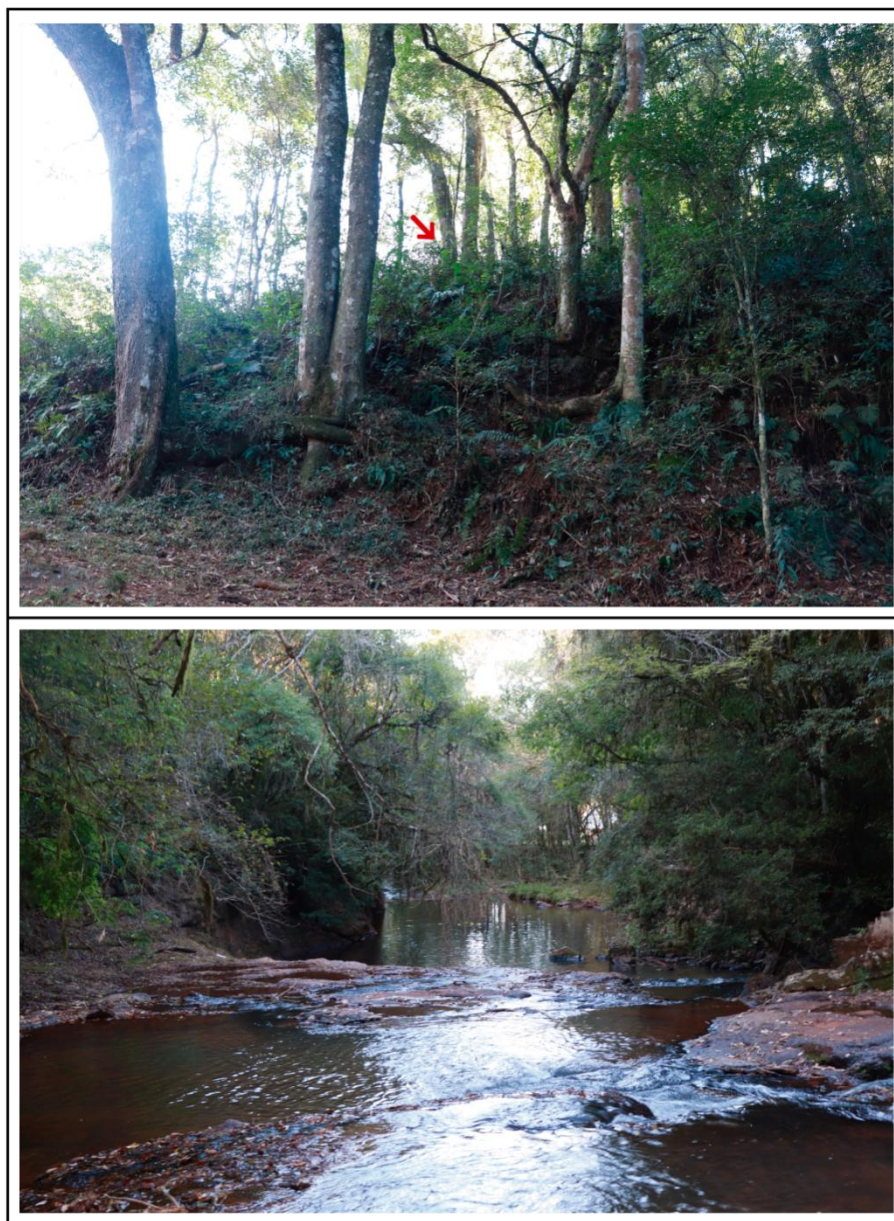


**Figura 14-** Localização da Paleotoca do Três Mártires

**Fonte:** Google Earth



No passado o entorno da área estudada era povoado por diversas famílias, havia também um moinho próximo o que aumentava o fluxo de pessoas, outro fator importante é que a principal estrada geral que ligava os municípios de Novo Barreiro e Palmeira das Missões passava próxima ao local, porém com o aumento da Vila Barreiro e com a pavimentação da rodovia RS-569 no outro lado da cidade, os moradores aos poucos foram deixando a área e atualmente não se encontram moradores nos redores. Contudo, o fluxo e as atividades desenvolvidas pelas pessoas durante os anos certamente contribuíram para a degradação do túnel.



**Figura 15-** Entorno da Paleotoca

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

Segundo moradores que residiam perto da paleotoca, anos atrás havia lavouras próximas ao local em estudo, o que de fato pode ter contribuído para o deslizamento de rochas e terra ao seu interior. Atualmente a entrada do túnel encontra-se cerca de 120 cm da superfície e no seu interior há árvores, plantas rasteiras e o Rio Gambá.

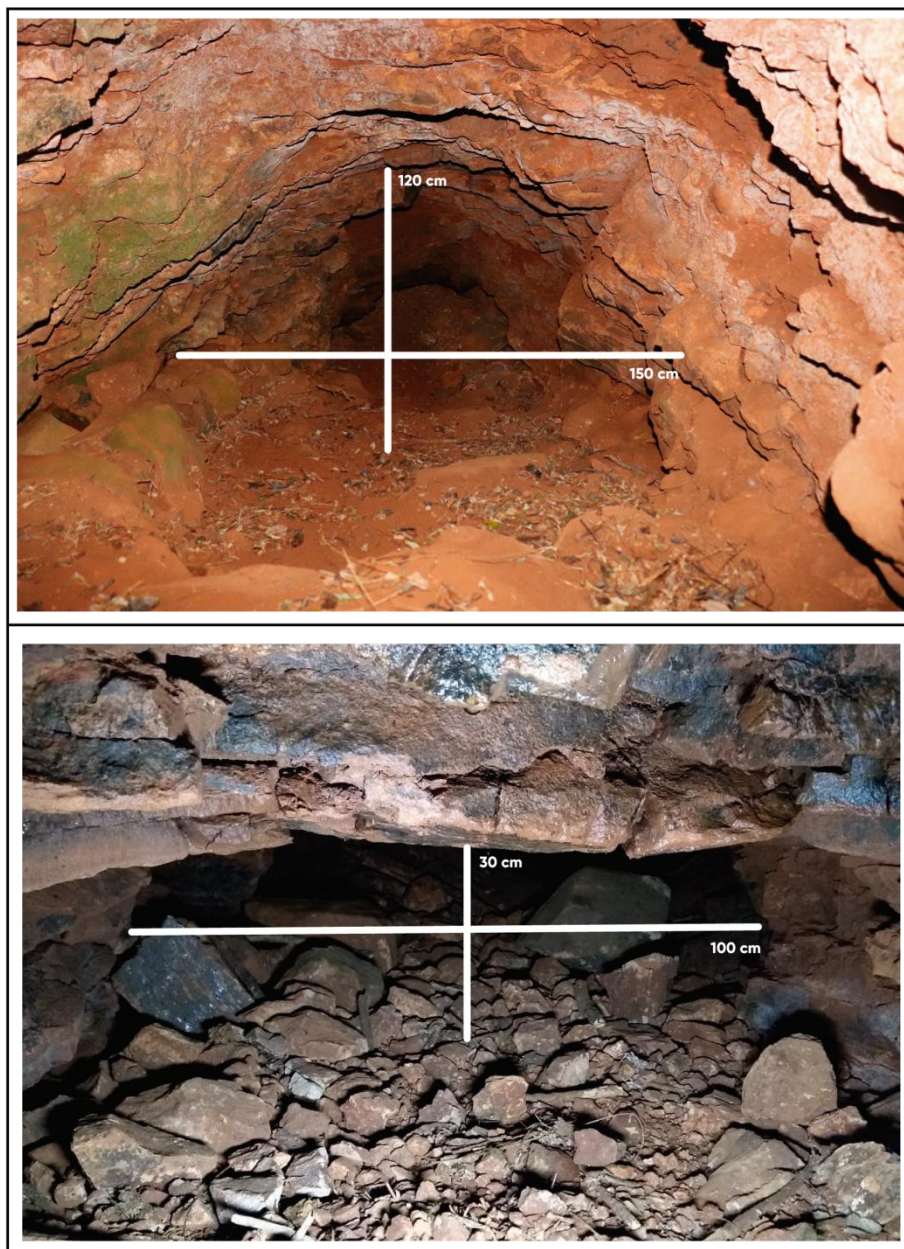


**Figura 16-** Fotografias da entrada da paleotoca

**Fotografia:** Lieli C. Kolling



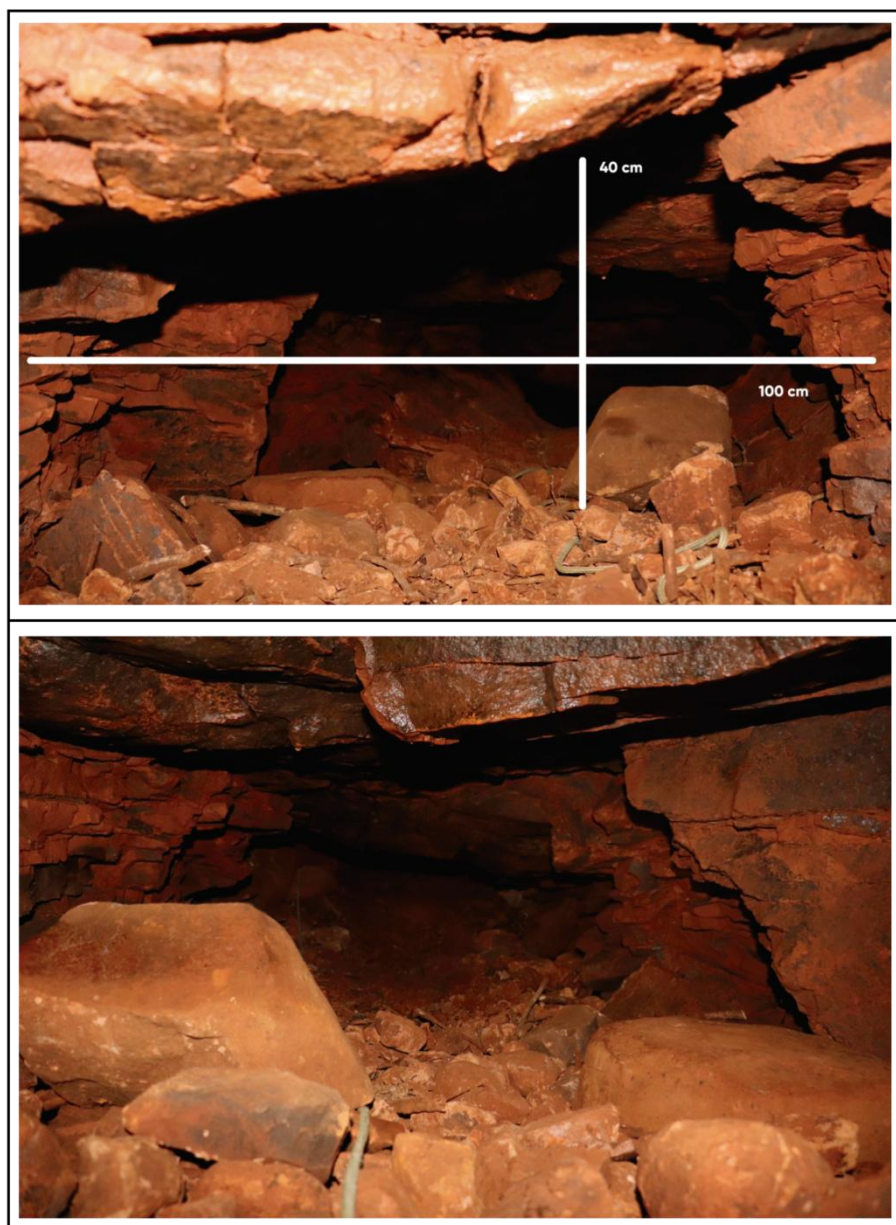
É possível perceber, logo em sua entrada, que as paredes são arredondadas e, em seu interior, há uma passagem estreita que leva a uma galeria maior. Esta passagem apresenta a menor altura do túnel, 30 cm. Nota-se que há bastante terra e pequenas pedras que deslizaram para dentro o que dificulta o acesso.



**Figura 17-** Fotografias do interior da paleotoca

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

Ao longo desta passagem é possível notar a presença de umidade nas rochas. O trecho mais estreito se encontra bem degradado e com inúmeros sedimentos, dificultando a passagem para o interior do túnel.

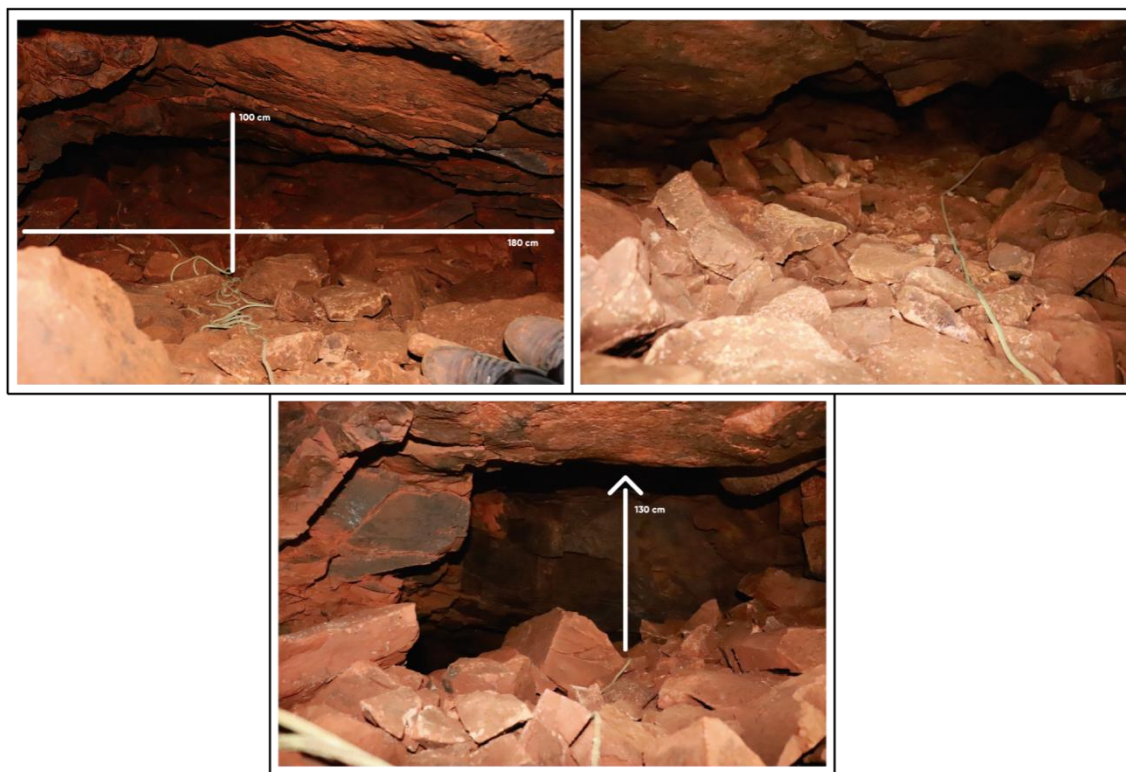


**Figura 18-** Passagem estreita que nos leva a galeria maior

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

Seguindo se chega a uma galeria maior (Ver figura 19), semicircular em razão do preenchimento parcial por rochas que possivelmente desabaram do teto. Neste espaço se obteve maior largura e altura, respectivamente 130 cm e 180 cm, por apresentar estas medidas é provável que o espaço seja atribuído à área de repouso do animal escavador.

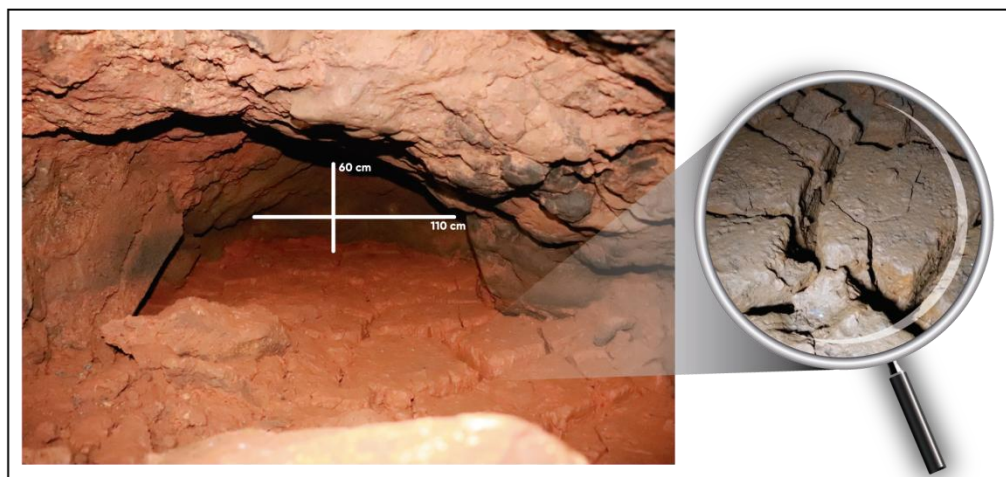




**Figura 19-** Galeria maior da paleotoca

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

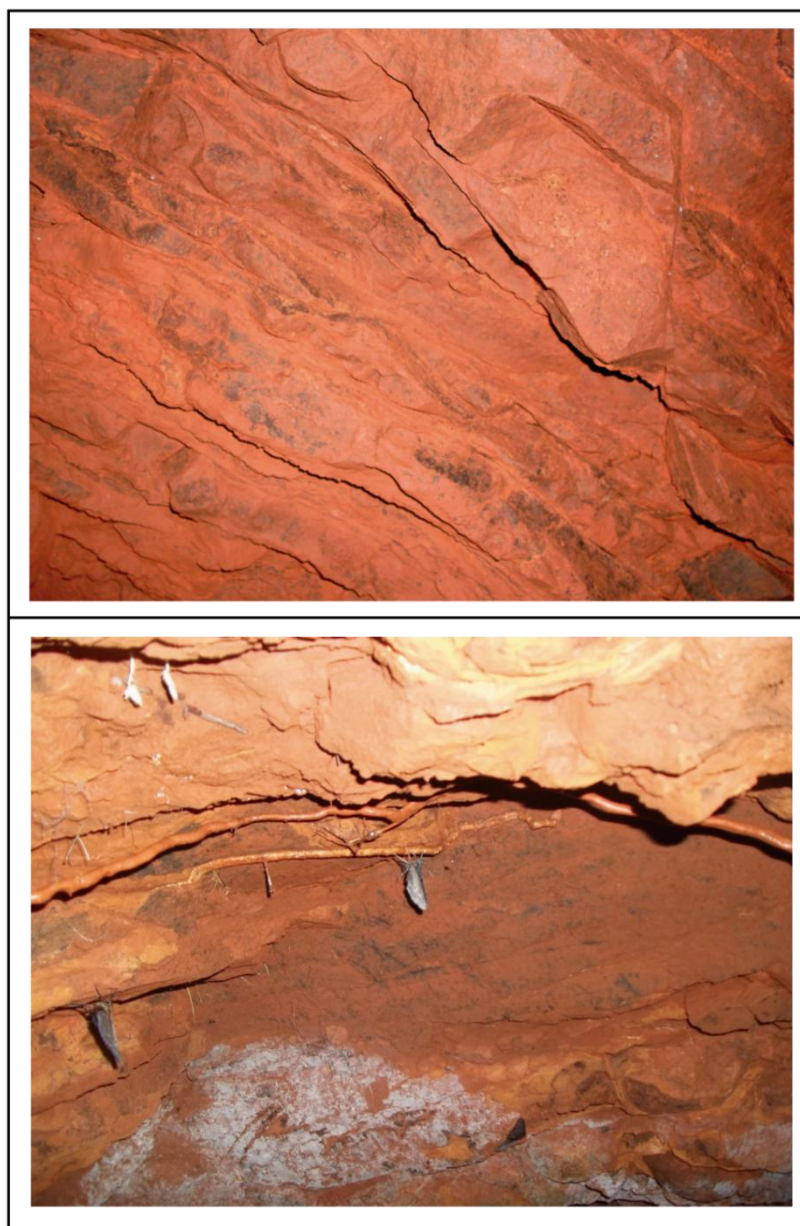
A partir desse local, abre-se um túnel menor com paredes arredondadas que aparentemente é o final da paleotoca. É importante ressaltar que este ponto apresenta um desnível de cerca de 80 cm mais baixo da galeria maior e no fundo a um barro argiloso com sulcos de até 15 cm.



**Figura 20-** Fotografia do final da paleotoca

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

A extensão total da paleotoca é de, aproximadamente, 20 metros. E em seu interior é possível observar marcas que se assemelham a garras que possivelmente pertencem ao organismo escavador do abrigo subterrâneo. Acredita-se que este túnel tenha sido construído por preguiças-gigantes em razão das marcas e dimensões que atualmente a paleotoca ainda apresenta.



**Figura 21-** Fotografia das marcas de garras no interior da paleotoca

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

Em aspectos gerais, o túnel encontra-se bastante degradado por fenômenos naturais e intervenções de visitantes. Segundo relatos de pessoas que residiam próximo à área em estudo, anteriormente a sua entrada, bem como suas galerias maiores, eram mais extensas e de acesso facilitado. Essas áreas, atualmente como podem ser observadas nas fotos, encontram-se obstruídas por deslizamento de terra e principalmente de rochas.

Outro lugar no município que apresenta características destes vestígios é na localidade Poço Preto. O local é conhecido por poucos moradores do município e sempre instigou a curiosidade. Atualmente em seu entorno há mato e lavouras.



**Figura 22-** Localização da paleotoca da localidade Poço Preto

**Fonte:** Google Earth

O túnel fica próximo ao Rio da Várzea e em meio à mata. Ao visitar o local foi possível observar que o túnel encontra-se escavado em um paredão de rochas (ver figura 23), encontrar este tipo de vestígio em lugares como esse não é comum, pois a rocha é de difícil escavação.

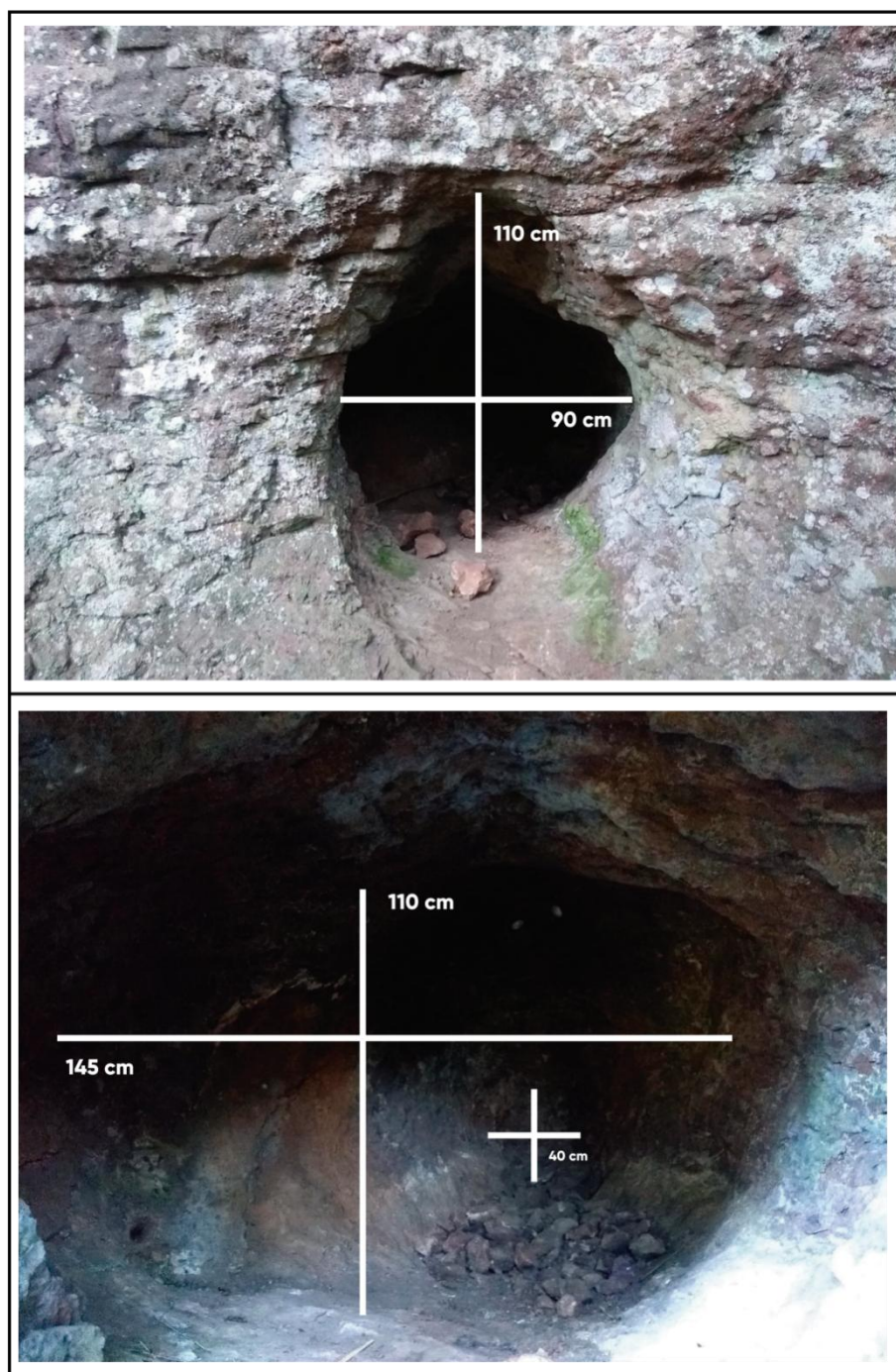




**Figura 23-** Características geográficas do entorno da paleotoca da localidade Poço Preto

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

O tamanho do túnel nos sugere a hipótese de que, em virtude da rocha ser de difícil escavação, o seu escavador não tenha concluído e abandonado o abrigo.

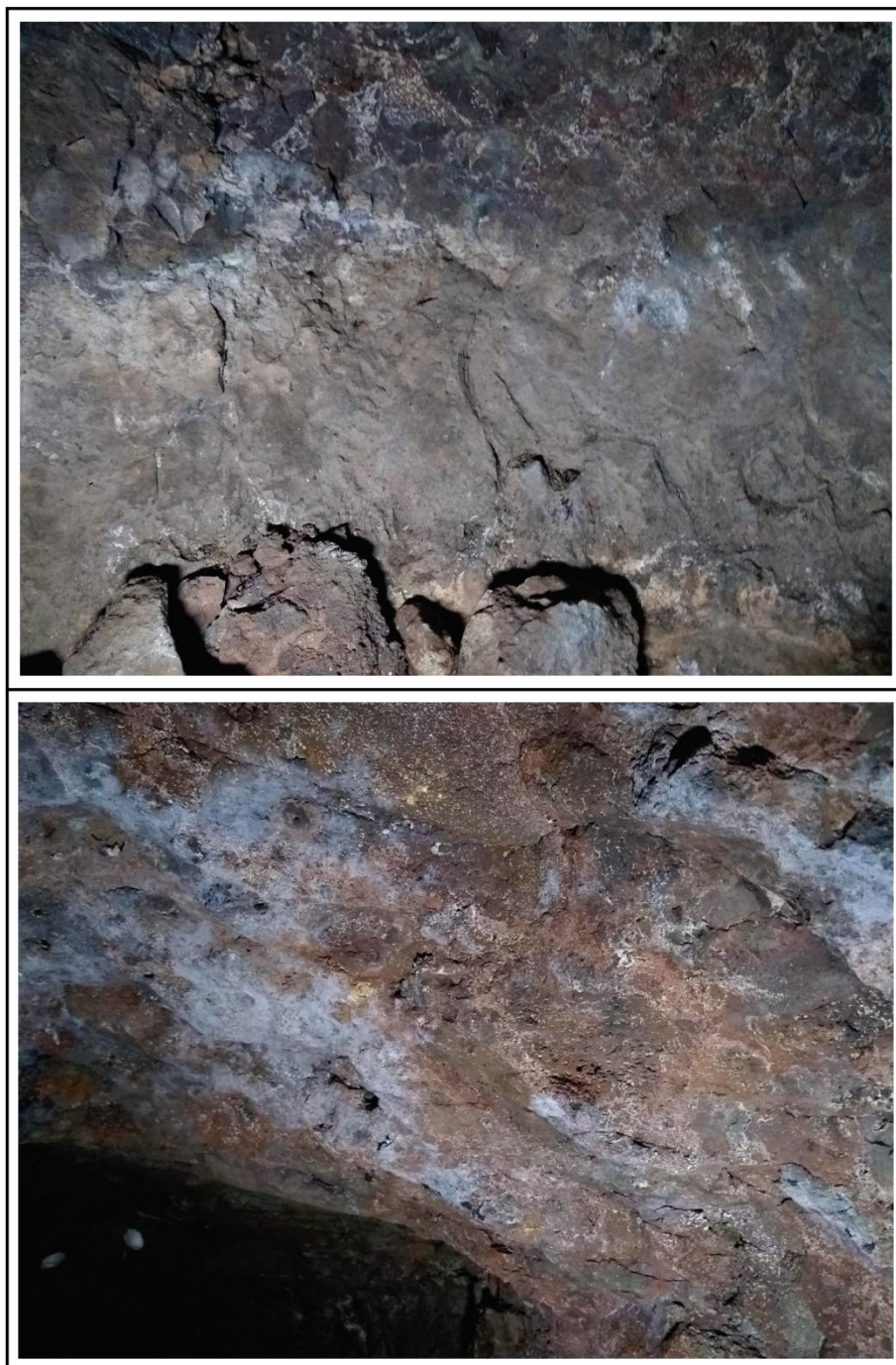


**Figura 24-** Fotografias da paleotoca do Poço Preto

**Fotografia:** Lieli C. Kolling



No interior do túnel há possíveis marcas de garras, o que possibilita conjecturar que foi escavada por animais da megafauna, outro indício que reforça esta hipótese é o formato arredondado do túnel.



**Figura 25-** Fotografia das supostas marcas de garras no interior da paleotoca

**Fotografia:** Lieli C. Kolling



As (possíveis) paleotocas apresentadas nesse estudo constituem-se um importante registro paleontológico da megafauna extinta de mamíferos, além de bem patrimonial passível de proteção – inclusive de tombamento. Paleotocas apresentam valores científicos e culturais integrados a memória bio/geológica e histórico-cultural dos locais em que se encontram, de modo que a preservação e integridade de tais ocorrências garante a transmissão dos conhecimento e do patrimônio para as futuras gerações.

Neste caso seria preciso um movimento de sensibilização direcionado ao poder público, as comunidades e à iniciativa privada - considerando que os locais onde encontram-se são propriedades particulares, destacando a importância das paleotocas e a necessidade de sua proteção. Além disso, os mapeamentos realizados buscam contribuir na identificação e inventariação das paleotocas por pesquisadores que dedicam-se a essa temática específica.

### 3. ARTEFATOS LÍTICOS

Este capítulo será destinado para apresentar os artefatos líticos da História Antiga encontrados por moradores de Novo Barreiro. Os artefatos fazem parte de acervos pessoais de moradores do município.

#### 3.1 Remanescentes de ocupação da História Antiga em Novo Barreiro/RS

A insuficiência de pesquisas a respeito dos primeiros povos a habitar o município de Novo Barreiro não nos permite estabelecer informações absolutas, porém a partir dos vestígios arqueológicos encontrados por moradores e fazendo um paralelo etnográfico e articulado com o contexto geral de ocupação do estado do Rio Grande do Sul, podemos constatar que o povoamento, ou melhor, a chegada dos grupos de caçadores-coletores na região, ocorreu no início do período holocênico.

É possível fazer esta constatação em razão do número significativo de artefatos líticos encontrados por moradores no município e as tradições que, possivelmente, pertencem. Estes objetos, atualmente se encontram nas casas dos munícipes, mas foram coletados em locais que hoje ou em algum momento foram de plantio. Em razão da preparação da terra, estes vestígios da História Antiga vieram a aparecer na superfície. É comum, em razão dos maquinários agrícolas, principalmente o arado, os artefatos se encontrarem quebrados ou apenas em lascas.

Na Vila Preste, interior do município, foram encontradas duas pontas de projétil, ambas estão bem conservadas. No entorno do local (Ver figura 26) dos achados há vertentes de água próximas, sendo a mais distante cerca de 290 m de distância. A presença de fontes é um fator significativo, pois nos sugere pensar um lugar plausível de ser habitado pelos primeiros grupos.



**Figura 26-** Localização dos artefatos líticos da Vila Preste

**Fonte:** Google Earth

As pontas de projétil fazem parte do acervo pessoal do professor Sandro Luís Kolling e foram encontradas segundo informações do mesmo, há cerca de 36 anos nas terras de seus pais. Os dois artefatos se encontravam próximos, aparecendo apenas uma parte na superfície. Ambas estão bem conservadas e sem sinais de fratura, aparentemente com seus formatos originais.



**Figura 27-** Ponta de projétil

**Fotografia:** Lieli C. Kolling



**Figura 28-** Ponta de projétil

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

As especificações apresentadas pelo local configuram um ambiente típico para ocupação de caçadores- coletores, e de fato as características dos artefatos lascados encontrados nos faz supor que ocorreu no local ocupação de grupos portadores da Tradição Umbu. Vale ressaltar que

o lascamento das pedras era efetuado procurando-se criar gumes cortantes e/ou arestas pontiagudas, em seguida, de acordo com a função a que se destinava, poderia receber o encabamento de madeira, ou, caso o cabo fosse descartado, priorizava-se seixos até certo ponto anatômicos, permitindo seu encaixe na mão de forma confortável. (VICROSKI, 2011)

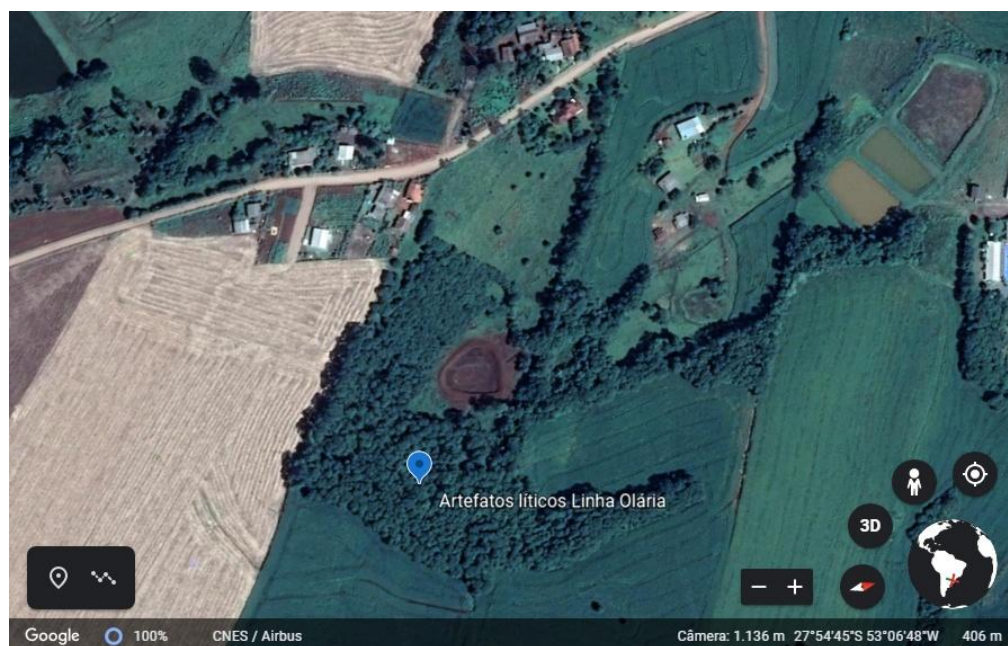
As pontas de projétil eram utilizadas como ferramentas de caça ou combate, a partir delas se faziam lanças, flechas, dardos entre outros instrumentos.



**Figura 29-** Principais etapas do processo de confecção de um artefato lítico lascado

**Ilustração:** VICROSKI, 2011 p. 92; **Fotografia:** Lieli C. Kolling

Outro acervo pessoal estudado foi do professor João José Klein e sua família. Segundo eles, os artefatos coletados foram encontrados na localidade da Linha Olária (Ver figura 30), lugar que atualmente residem e apresentou um número significativo de vestígios.



**Figura 30-** Localização dos artefatos líticos da Linha Olária

**Fonte:** Google Earth

Segundo o proprietário das terras, a área que hoje tem plantação de timbó, era lavoura, o que justifica o aparecimento destes artefatos na superfície. Em visita ao local dos achados se



observou que, assim como no local de vestígios da Vila Preste, também apresenta fontes de água próximas. Há duas fontes, uma que sustenta um açude na propriedade e outra que é canalizada e utilizada para consumo.



**Figura 31-** Visita ao local dos achados arqueológicos pelo professor João Klein e sua família

**Fotografias:** Lieli C. Kolling e Sandro Luís Kolling

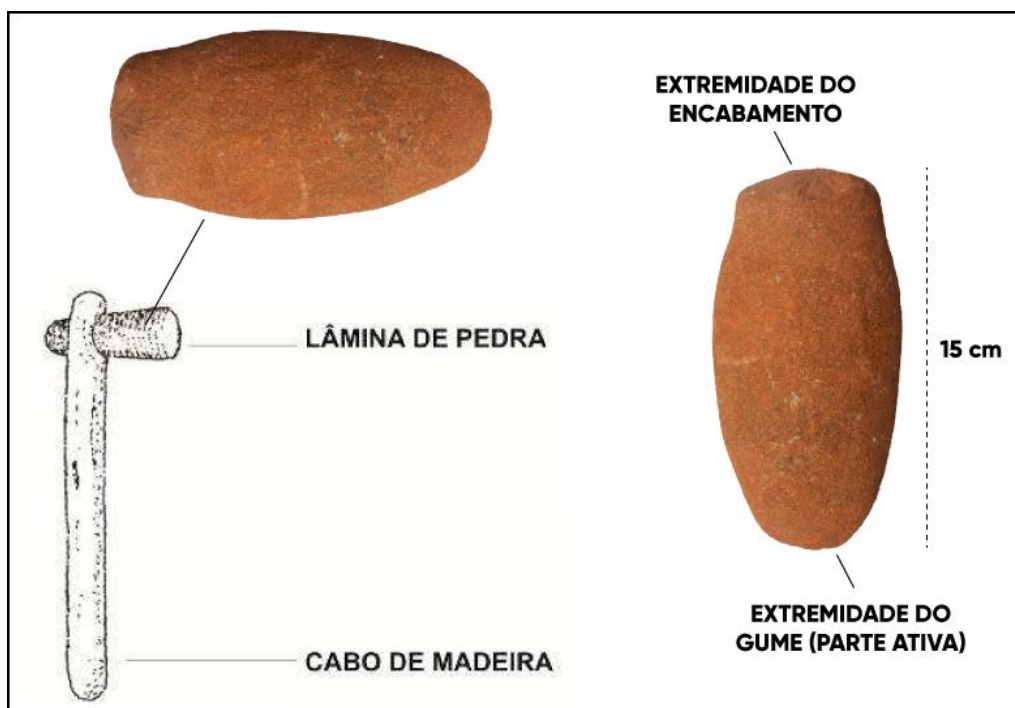
Em relação ao estado de conservação dos artefatos, apresentam desgastes e sinais de fratura, mas é possível perceber e compreender suas características e formatos originais. Tais marcas podem ter sido ocasionadas pela sua utilização, mas também pelos milênios de anos que se encontram na terra.

Os grupos de caçadores- coletores dedicavam um tempo considerável para a fabricação de seus instrumentos,

a matéria prima para a produção desses instrumentos provém de seixos do rio, blocos ou afloramentos rochosos e é trabalhada, de acordo com a sua natureza, por lascamento, picoteamento ou polimento. Calcedônia, arenito, quartzo e quartzito são trabalhados por percussão; basalto, diorito e outras rochas semelhantes geralmente por picoteamento ou polimento. (SCHMITZ, 2006)

Os artefatos produzidos podiam ser obtidos pelas técnicas de polimento e picoteado, mas geralmente em um primeiro momento ia se picoteando para dar forma ao objeto e após se concluía com o polimento. No entanto também ocorria o inverso, como em exemplares de

lâminas de machado polidas, que tinham sua porção preensiva picoteada, a fim de deixa-la rugosa e com maior aderência. (GARCIA, 2015)



**Figura 32-** Representação gráfica de um machado com cabo de madeira

**Ilustração:** Lieli C. Kolling, baseada em VICROSKI, 2011 p. 112.

Lâminas de machado, utilizadas para atender as necessidades, principalmente, relacionadas à caça e alimentação, estão presentes na indústria lítica da Tradição Umbu o que nos sugere ocupação por esta tradição no município em virtude de ser encontrado este tipo de vestígio (Ver figura 33). Contudo, também não se pode descartar a possibilidade de tais vestígios estarem relacionados com outros grupos, como os ancestrais dos povos Kaingag e Guarani (Tradições Taquara e Tupiguarani).



**Figura 33-** Lâmina de machado

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

Garcia (2015) resalta que há artefatos de uso passivo e ativo, considerando que os primeiros são os recipientes confeccionados para que corantes e grãos cereais pudessem ser processados, como pilões e mós. Já os ativos englobam uma série de artefatos, como a mão de pilão (Ver figura 35) encontrada no município, utilizadas em conjunto com os passivos no processamento de materiais.





**Figura 34-** Mão de pilão

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

O acervo pessoal também conta com bolas de boleadeira (Ver figuras 36, 37 e 38), vale ressaltar que a ocorrência de bolas de boleadeiras no Brasil também está associada à Tradição Umbu e este grupo as utilizava como estratégia e instrumento de caça. Uma curiosidade a respeito destes artefatos é a continuidade ressignificada na figura do gaúcho.



**Figura 35-** Bola de boleadeira

**Fotografia:** Lieli C. Kolling



**Figura 36-** Bola de boleadeira

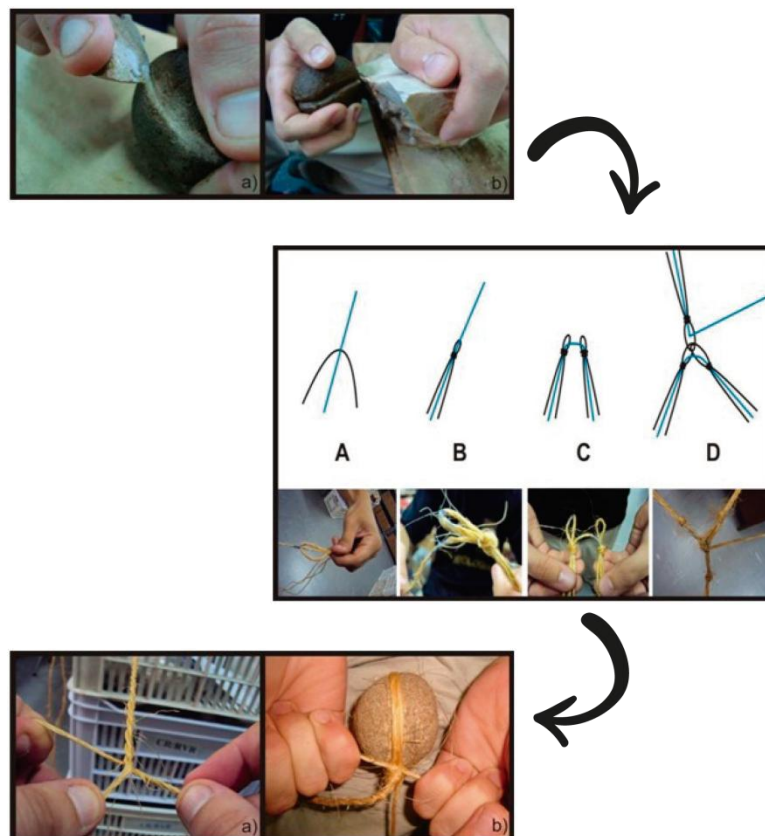
**Fotografia:** Lieli C. Kolling



**Figura 37-** Bola de boleadeira

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

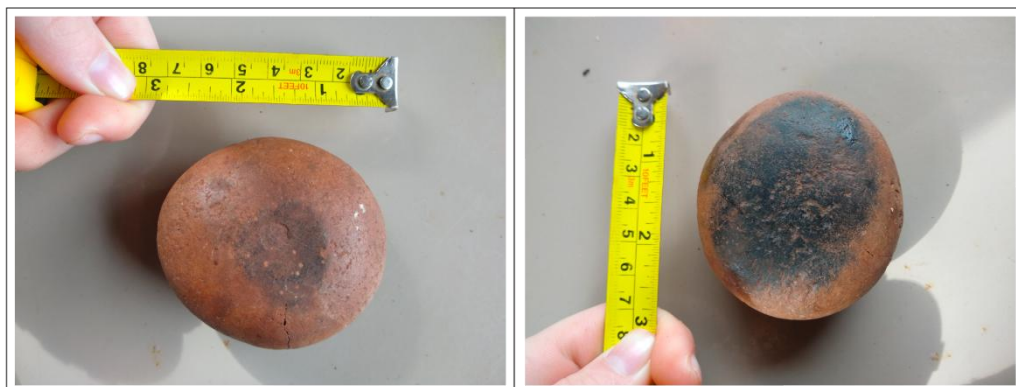
Estes instrumentos eram feitos a partir de seixos de pedras, produzidos sulcos a partir de polidores fixos (grandes blocos ou lajes naturais) ou manuais (blocos de rochas de superfícies ásperas e ricas em sílica como granito e arenito) para encaixar as correias, estas na maioria das vezes feitas com cipós ou matéria-prima semelhante.



**Figura 38-** Exemplo de método de confecção das bolas de boleadeira

Fonte: GARCIA; SILVA, 2013.

Outro artefato presente no acervo é um percutor. Os percutores (ver figura 39) foram seixos de diferentes matérias-primas, classificados como mole quando foram de madeira, osso ou chifre, e duros quando foram rochas consistentes como basalto e granito. Eram utilizados nas indústrias líticas para a extração de lascas e lâminas que pudessem servir como objetos úteis para cortar, raspar ou perfurar superfícies. (GARCIA, 2015)



**Figura 39-** Percutor

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

O acervo pessoal conta também com um artefato (ver figura 40) curioso. Ele não configura uma ferramenta utilitária, assim credita-se o seu uso em rituais. Pesquisas arqueológicas evidenciam vestígios semelhantes a este e se supõe que

“utensílios como cunhas e lâminas de machado possuíam seus correspondentes em madeira, aqueles em pedra nem sempre destinavam-se a sua função primordial. Portar tais instrumentos poderia ser apenas um indicador de prestígio, muitos sepultamentos são acompanhados de artefatos polidos sem marcas de utilização, o que denota sua utilização cerimonial.” (VICROSKI, 2011)



**Figura 40-** Suposto artefato ritualístico

**Fotografia:** Lieli C. Kolling



Além dos líticos já apresentados, também foram encontrados artefatos com formatos e características semelhantes a vestígios da ação humana, com possíveis sinais de polimento (Ver figuras 41, 42 e 43). Compreendemos que necessitam de pesquisas mais sistemáticas, mas optamos por apresentá-los com a finalidade e possibilidade de estudos por pesquisadores que se dedicam a essa temática específica no futuro.



**Figura 41-** Suposto afiador de machados

**Fotografia:** Lieli C. Kolling



**Figura 42-** Suposto vestígio arqueológico inacabado

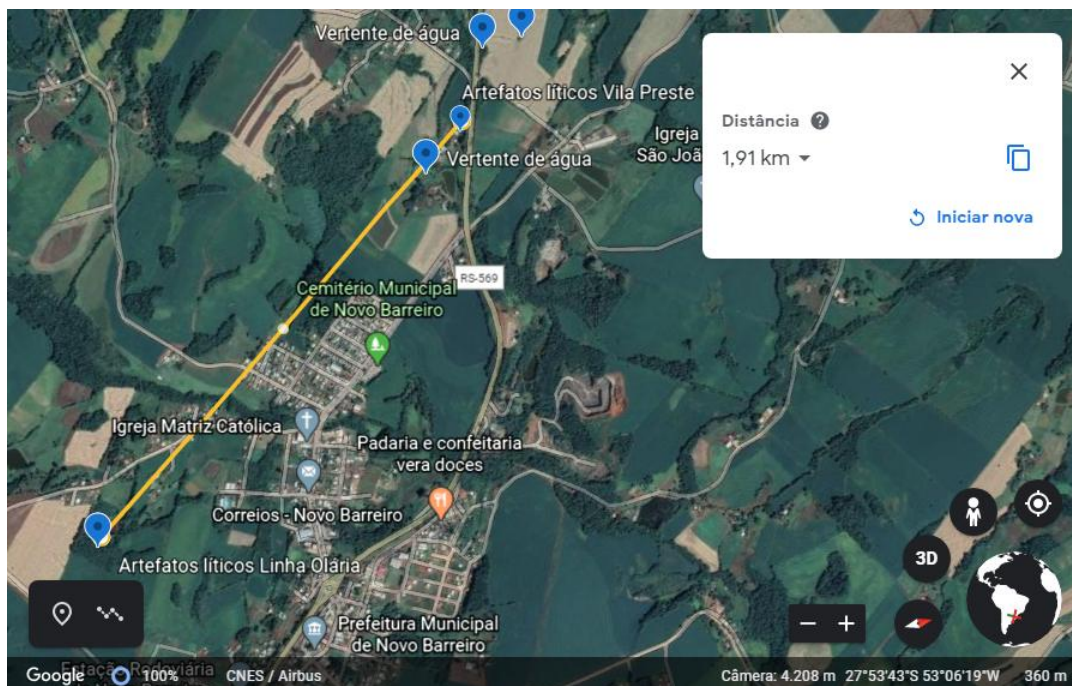
**Fotografia:** Lieli C. Kolling



**Figura 43-** Suposto artefato arqueológico inacabado

**Fotografia:** Lieli C. Kolling

A distância em linha reta entre os locais de ocorrência destes vestígios é de aproximadamente 1,91 Km (ver figura 44).



**Figura 44-** Distância entre os locais com vestígios arqueológicos

**Fonte:** Google Earth

A partir do tratamento analítico e interpretativo das fontes líticas e em razão da grande quantidade de artefatos encontrados, credita-se que grupos de caçadores- coletores habitaram o local em estudo por um período de tempo considerável. Considerando as pesquisas já realizadas no norte do estado é possível atribuir o início do povoamento no município de Novo Barreiro a estes primeiros grupos que se instalaram nesta região aproximadamente no início do período holocênico.

Os artefatos líticos apresentados nesse estudo constituem-se um importante registro arqueológico da História Antiga. Os vestígios apresentam valores científicos e culturais integrados a memória histórico-cultural dos locais em que foram encontrados, de modo que a preservação e integridade de tais vestígios garante a transmissão de conhecimento bem como do patrimônio local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se a importância da presente pesquisa, pois privilegia lugares nem sempre contemplados pela pesquisa histórica, arqueológica e paleontológica, como é o caso do município em estudo. Assim o trabalho contribui e agrega conhecimentos de uma abordagem regional a um contexto macro.

De modo geral, os vestígios arqueológicos e paleontológicos apresentam um processo de ocupação e povoamento articulado com o restante do estado do Rio Grande do Sul. É possível afirmar que o início deste processo ocorreu no município de Novo Barreiro durante o período Holoceno Inicial com a chegada de caçadores-coletores.

As (possíveis) paleotocas apresentadas nesse estudo constituem-se um importante registro paleontológico da megafauna extinta de mamíferos, além de bem patrimonial passível de proteção – inclusive de tombamento. Paleotocas apresentam valores científicos e culturais integrados a memória bio/geológica e histórico-cultural dos locais em que se encontram, de modo que a preservação e integridade de tais ocorrências garante a transmissão do conhecimento e do patrimônio para as futuras gerações. No âmbito estadual, dispomos da Lei nº 11.738, que declara os sítios paleontológicos como bens integrantes do patrimônio cultural do Rio Grande do Sul.

Neste caso seria preciso um movimento de sensibilização direcionado ao poder público, as comunidades e à iniciativa privada - considerando que os locais onde encontram-se são propriedades particulares, destacando a importância das paleotocas e a necessidade de sua proteção. Além disso, os mapeamentos realizados buscam contribuir na identificação e inventariação das paleotocas por pesquisadores que dedicam-se a essa temática específica.

Desse modo, as fontes estudadas se constituem como patrimônio histórico, cultural e ambiental do município. O conhecimento dos eventos históricos ali perpetrados contribui para valorização do espaço, para a preservação e para compreensão dos processos de ocupação humana na região norte do Rio Grande do Sul.

De forma geral a pesquisa tem grande potencial de avançar em razão dos inúmeros dados que não puderam ser observados e estudados neste momento por não haver uma formação específica no campo da arqueologia. Contudo se reconhece a importância histórica



dos fenômenos, mas a fim de desenvolver uma pesquisa mais sistemática seria importante conhecer os procedimentos, teorias e técnicas no âmbito da arqueologia e da cultura material.

## REFERÊNCIAS

- ARDENGHI, Lurdes Grolli. *Caboclos, ervateiros e coronéis, luta e resistência no norte do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF, 2003.
- ARKEOS. Perspectivas em Diálogo nº 28. *Projecto Porto Seguro*. Tomar: CEIPHAR, 2010.
- BARROS, José D' Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004.
- BECKER, Ítala Irene Basile. *O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul*. In: SCHMITZ, Pedro Ignacio. *Pré- História do Rio Grande do Sul. Documentos 05*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/ Unisinos, 1991.
- BUCHMANN, F.S.C. *Abrigo de gigantes*. Revista Pesquisa FAVESP. Edição 252 fev. 2017. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2017/02/13/abrigo-de-gigantes/>.
- BUCHMANN, F.S.C.; Lopes, R.P., Caron, F.; 2009. *Icnofósseis (Paleotocas e Crotovinas) atribuídos a Mamíferos Extintos no Sudeste e Sul do Brasil*. Revista Brasileira de Paleontologia, 12(3): 247-256.
- FRANK, H.T.; CARON, F.; LIMA, L.G.; LOPES, R.P. & AZEVEDO, L.W. *Paleotocas e o cadastro nacional de cavernas brasileiras – uma discussão*. II Simpósio Sul-Brasileiro de Espeleologia. Anais, 2010. Ponta Grossa (PR), 1 CD-ROM.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia e Patrimônio*. Erechim: Habilis, 2007.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Os Historiadores e a Cultura Material*. In: PINSKY, Carla Bassanezy. (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- KERN, Arno Alvarez (Org). *Arqueologia Pré- Histórica do Rio Grande do Sul*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- KERN, Arno Alvarez. *Antecedentes indígenas*. Porto Alegre: UFRGS, 1994.
- KOLLING, Sando Luís. *Novo Barreiro: Povoamento à Emancipação*. Monografia de conclusão de Curso. Frederico Westphalen: URI, 2008.
- PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. 2. Ed., 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

PROUS, André. *Pré- História Brasileira*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 1992.

SANTOS, Marcos César Pereira. *Documento Material: Entre a Arqueologia e a História*.

SCHMITZ, Pedro Ignácio (Org.). *Arqueologia do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas- UNISINOS, 2006.

SCMITZ, Pedro Ignácio. *Pré- História do Rio Grande do Sul*. Documentos 05. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas/ Unisinos, 1991.

SOARES, Mozart Pereira. *Santo Antônio da Palmeira*. Porto Alegre. Bels, 1974.

VICROSKI, Fabricio José Nazzari. *O Alto Jacuí na Pré-História: subsídios para uma arqueologia das fronteiras*. Dissertação de Mestrado em História (PPGH/ UPF). Passo Fundo, 2011.